

**O culto do Divino Espírito Santo e a Organização
do Espaço Público e Ritual da Ilha do Pico-
Açores**

A Cidade e a Música:

A Escola de Música do Conservatório Nacional

Índice Geral

Parte I Vertente teórica	1
O culto do Divino Espírito Santo e a Organização do Espaço Público e Ritual da Ilha do Pico-Açores.	
1. Introdução	3
2. A Ilha do Pico	13
3. Oculto do Divino Espírito Santo na Ilha do Pico	35
4. A Organização do Espaço Físico e Ritual do Divino Espírito Santo	103
5. Considerações Finais	127
6. Fonte	133
Anexos	153
Parte II Vertente prática	212
A cidade e a música: A Escola de Música do Conservatório Nacional	
1. Introdução	215
2. O Conservatório de Música Nacional	217
3. Proposta Individual	265

PARTE II

Trabalho de vertente prática

A cidade e a música: A Escola de Música do Conservatório Nacional

ISCTE –IUL | Olegário Morais | 2015



Departamento de Arquitetura e Urbanismo

A cidade e a música:
A Escola de Música do Conservatório Nacional

Olegário Manuel Goulart Morais

Trabalho prático submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura
(Mestrado Integrado em Arquitetura)

Orientador:

Arq. José Neves, Professor Convidado, ISCTE-IUL

Outubro 2015

Índice

1. Introdução	215
2. O Conservatório de Música Nacional	217
2.1. Enquadramento Histórico	219
2.2. Enquadramento Urbano	233
2.3. Elementos gráficos	248
2.4. Pormenores e Detalhes	254
3. Proposta	265
3.1. Abordagem Inicial	266
3.2. Processo evolutivo	271
3.3. Programa	281
3.4. Circulação	287
3.5. Desenhos técnicos	293



1. Introdução

1. Introdução

No âmbito do trabalho desenvolvido da componente prática da unidade curricular de Projeto Final de Arquitetura foi baseado no tema “a cidade e a música”, e teve como objetivo principal a intervenção arquitetónica sobre edificação existente, dado que tem vestígios de tempos diferentes de construção, nomeadamente a Escola de Música do Conservatório Nacional, antigo convento de Nossa Senhora da Divina Providência, conhecido também como “dos Caetanos”, no Bairro Alto, em Lisboa. Deste modo o exercício pretende realizar uma intervenção sobre o edifício pré-existente assim como na projeção de edificação nova e ainda o desenho do espaço público da envolvente.

Na primeira fase realizou-se uma aproximação ao edifício com um trabalho coletivo pela turma, que consistiu na criação de uma bibliografia e base de informação crítica, sobre o Conservatório, o local onde se insere e outros aspetos relevantes para o processo do projeto individual. Deste modo o primeiro capítulo do presente trabalho apresenta uma síntese dos trabalhos realizados pelos diversos grupos de alunos da turma nesta primeira fase do projeto. Com isto pode-se perceber as transformações do edifício e do lugar ao longo do tempo, assim como a sua relação com a cidade. Foram atualizados também os registo gráficos já existentes do estado atual do conservatório, nomeadamente plantas, cortes e alçados, e foram retirados vários detalhes mais relevantes do edifício. Por isso foram analisados exemplos de outras escolas de música, assim como os temas do som, da luz e ainda os instrumentos, no contexto da arquitetura, nomeadamente a relação entre interior-exterior, a forma, a dimensão, a materialidade e a orientação solar dos espaços do ensino da música.

Na segunda fase do trabalho constou da elaboração de uma proposta de remodelação e ampliação dos edifícios existentes, com base na interpretação de um programa prático elaborado pela Direção da Escola de Música do Conservatório Nacional (Anexo IV), que corresponde a uma enumeração dos espaços pedidos, incluindo as respetivas áreas e equipamentos necessários para o funcionamento.

Os vários enunciados das sucessivas fases do trabalho encontram-se em anexo (Anexo I, II, III e IV).



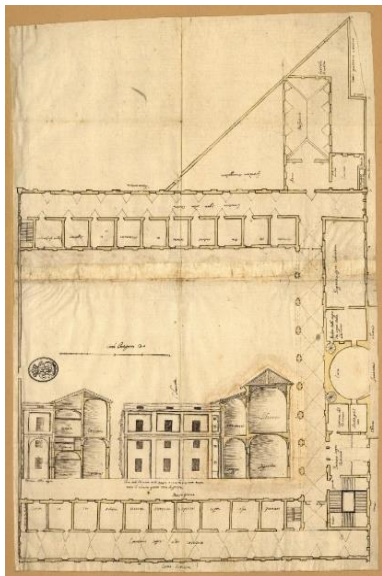
2. O Conservatório de Música Nacional



2. Escola de Música do Conservatório Nacional

2.1. Enquadramento Histórico: Cronologia do Edifício (Existente).

O edifício que atualmente corresponde à escola do conservatório de música nacional foi inicialmente uma Igreja, designada de Igreja da Divina Providência ou S. Caetano e ainda de um Convento.



Dados Cronológicos

1650-56 | D. João V autoriza a fundação de uma casa da ordem dos Teatinos em Lisboa¹ e é lançada a primeira pedra da Igreja da Divina Providência ou S. Caetano, a 1 de Julho de 1651. Podemos referir algumas plantas e desenhos que remetem para esta construção que foram da autoria de Castro e João Nunes Tinoco.²

1686 | Guarani Guarino, na sua publicação *Disegni d'architettura civile ed ecclesiastica*, representa um desenho de uma planta e de um corte de uma igreja identificada como de Santa Maria da Divina Providência de Lisboa.³

1698 | “É lançada, a 7 de abril, a primeira pedra do novo edifício, compreendendo a Igreja e o convento na forma conjunta de um paralelogramo ou quadrado prolongado.”⁴

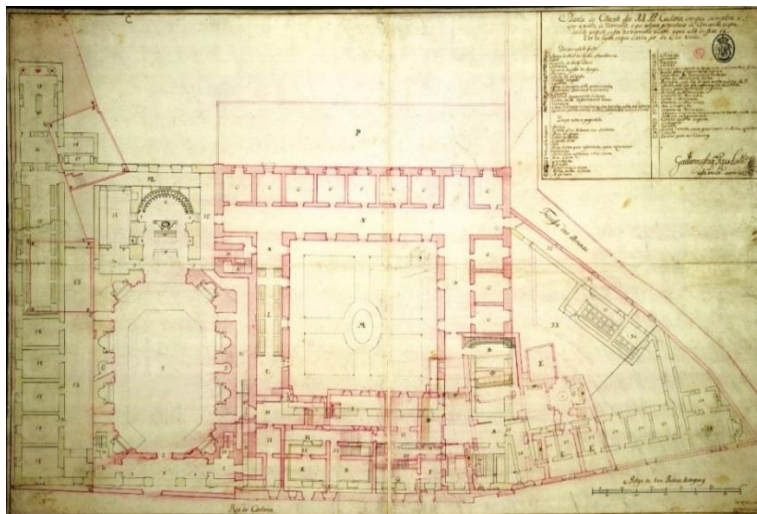
1748 | Na planta executada pelo engenheiro militar Guilherme Joaquim Paes de Menezes é possível identificar qual seria a planta da primeira igreja dos teatinos; assim como o segundo projeto de 1698. Através da sobreposição estão representadas a vermelho, as construções existentes em 1748, a amarelo, possivelmente, o projeto de 1698 e a vermelho escuro as partes construídas desse projeto. Com a qualidade do desenho, só é possível identificar o que estava efetivamente construído em 1748.

¹ CARITA, Helder (1994). Bairro Alto – Tipologias e Modos Arquitetónicos, 2ª Edição, Câmara Municipal de Lisboa apud Grupo I

² GOMES, Paulo Varela (1990). Iniciativas Arquitetónicas dos Teatinos em Lisboa (1648-1698), mais alguns elementos, paper to the colloquy. A Restauração e a sua Época, Casa de Fronteira e Alorna, Lisboa apud Grupo I

³ *Idem; ibidem.*

⁴ *Idem; ibidem.*



MENEZES, Guilherme Paes. (1748) *Convento da Divina Providência*, Lisboa. Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal apud Grupo I

“Pela imagem podemos observar que na parte de baixo, sobre a Rua dos Caetanos, existiam várias construções cuja irregularidade mostra serem as primitivas. À esquerda e no topo do desenho estão indicadas várias partes em fase de construção provavelmente do projecto de 1698: os lados poente (em cima), norte e sul de um grande claustro quadrado cujo lado nascente não estava ainda construído; as paredes da nave de uma nova igreja à qual faltava começar a galilé para a Rua dos Caetanos e toda a cabeceira (prevista no projecto). No extremo sul do terreno (à esquerda) os teatinos não tinham conseguido ainda em 1748 comprar terrenos e casas que lhes permitissem terminar ou sequer iniciar o projecto para esse lado (mais um corredor, ou dois sobrepostos, cinco ou 10 celas, um refeitório e outras dependências); de facto, o desenho de Paes de Menezes ainda figura muros de quintais e casas.”⁵

1755 | A Igreja é parcialmente afetada pelo terramoto, e após reparações volta a funcionar em 1757.⁶

⁵ Grupo II

⁶ CARITA, Helder.(1994).Bairro Alto – Tipologias e Modos Arquitectónicos, 2º Edição, Câmara Municipal de Lisboa apud Grupo I

1834-37 | Com a extinção das ordens religiosas e a consequente nacionalização dos bens e património religioso, são instaladas as 3 Escolas do Conservatório Geral de Arte Dramática no Convento dos Caetanos, e em 1837 passa a Conservatório Real de Lisboa.⁷

1856 | É reedificada a Igreja de Nossa Senhora da Divina Providência sob direção do arquiteto Valentim José Correia.⁸

1873-74 | Dá-se início à construção do salão de concertos sob a direção do arquiteto Valentim José Correia, com a colaboração de Eugénio Cotrim para a ornamentação do teto e de José Malhoa para a pintura figurativa do mesmo.⁹

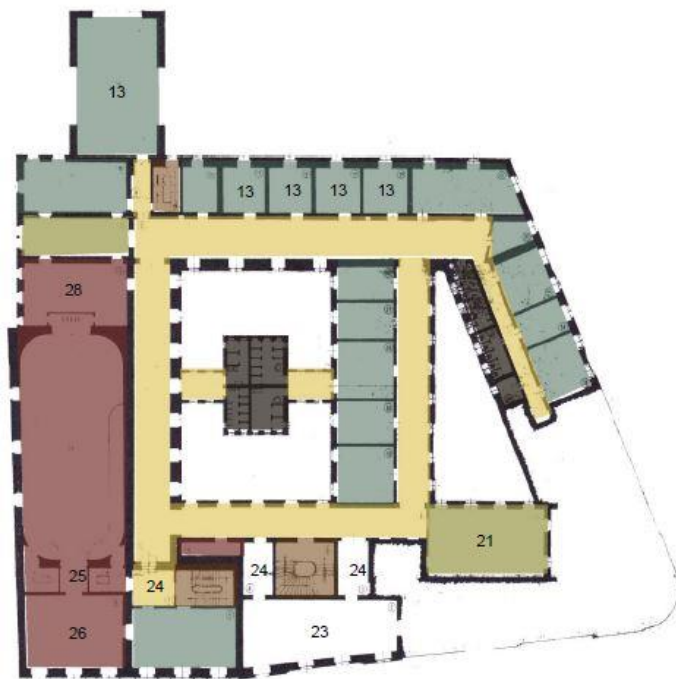
⁷ BORGES, Maria José. Breve cronologia histórica do Conservatório nacional apud Grupo I

⁸ Grupo I

⁹ *Idem.*



Salão de Concertos (Salão Nobre) e respetiva pintura e ornamentação (grupo I)



LEGENDA:

1. Entrada principal
2. Átrio
3. Gabinete Secretário
4. Secretaria
5. Vestíbulo do Salão
6. Acesso à galeria
7. Vestiário
8. Bengaleiro
9. Salão
10. Foyer
11. Camarins
12. Vestíbulo
13. Ginásio
14. Balneário
15. Aula
16. Aula de Caracterização
17. Aula de Rotunda
18. Biblioteca
19. Arrecadação

U- MATEUS, Inês Vaz. (2012). *Adaptabilidade e novos usos - do teatro variedades à casa de jazz- arquitetura de integração*, Projeto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura de Interiores, FAUTL, Lisboa apud Grupo I

1892 | Conclusão e inauguração do salão de concertos.¹⁰

1910-12 | Em 5 de Outubro de 1910 o edifício passou a designar-se Conservatório Nacional de Lisboa. Mais tarde as obras de adaptação intensificaram-se, sob orientação do Eng. Vieira da Cunha, pelo que se deu uma transformação radical, quer seja no interior, quer seja no exterior, devido à demolição da Igreja e desaparecimento dos vestígios do antigo convento.¹¹

¹⁰ *Idem*.

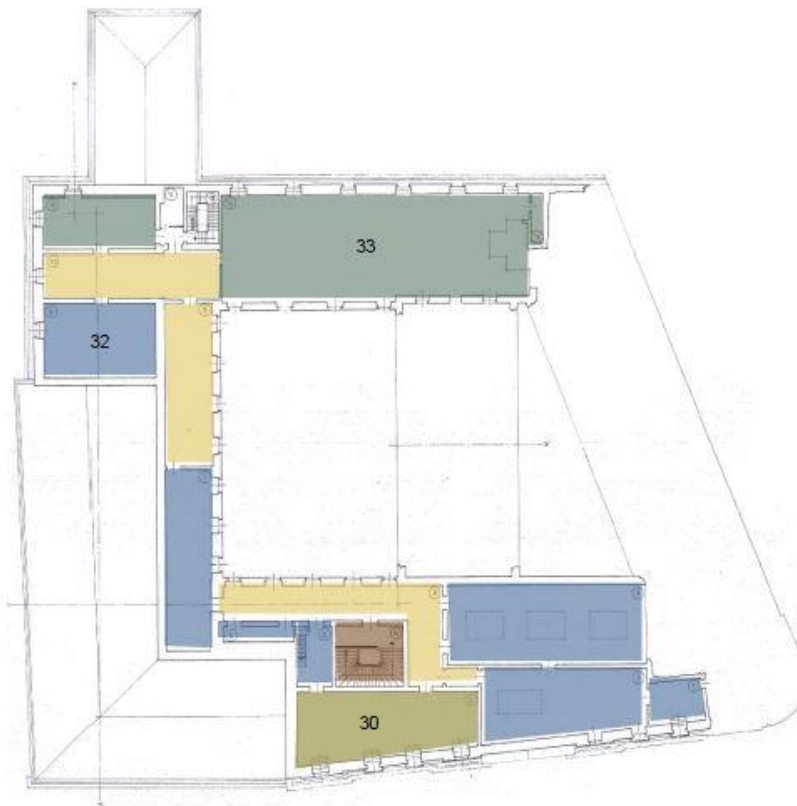
¹¹ BORGES, Maria José. Breve cronologia histórica do Conservatório nacional apud Grupo I

1942 | É elaborado um projeto de modernização do edifício, pelo Arquiteto Raul Tojal, onde é proposta a alteração da escadaria de acesso ao átrio principal, para dois lanços laterais. No conjunto de compartimentos, junto ao pátio, onde se situam a sala dos contínuos e do diretor, no projeto é referida a utilização de 6 dependências para um futuro refeitório, o que obrigaria à redistribuição dos vãos das janelas sobre o pátio. Considerando que não existiam instalações sanitárias no edifício e ainda devido ao facto de se pretender concentrar as mesmas num corpo único, estas foram propostas no meio do pátio.¹²

¹² Grupo I



MATEUS, Inês Vaz (2012). *Adaptabilidade e novos usos - do teatro variedades à casa de jazz- arquitetura de integração*, Projeto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura de Interiores, FAUTL, Lisboa apud Grupo I

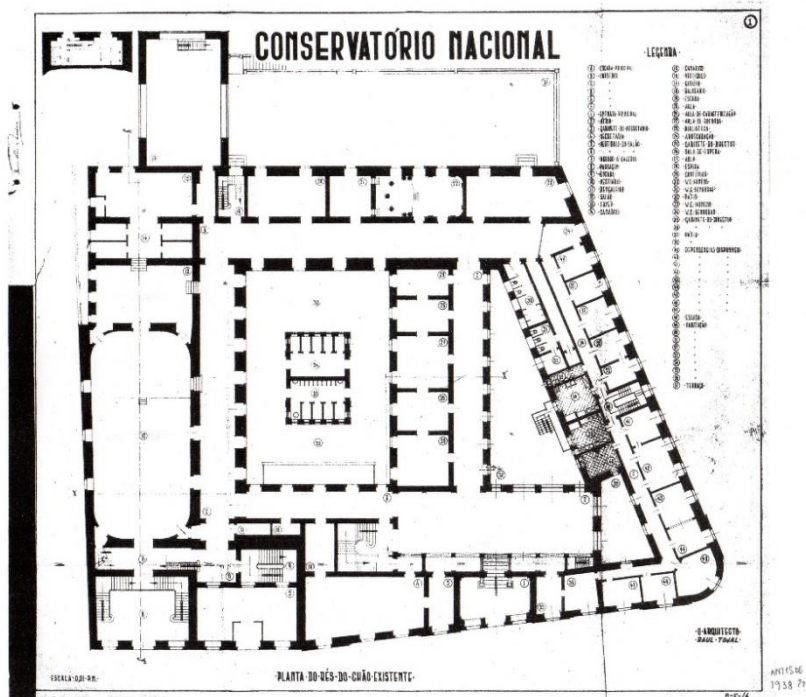


- 20. Gabinete do Director
- 21. Sala de Espera
- 22. Contínuos
- 23. Sala de Conselho
- 24. Antecâmara
- 25. Tribuna
- 26. Sala anexa à tribuna
- 28. Casa do Órgão
- 29. Museu
- 30. Biblioteca
- 31. Arrecadação
- 32. Arquivo
- 33. Aula de Conjunto
- 32. Pátio
- 34. Logradouro

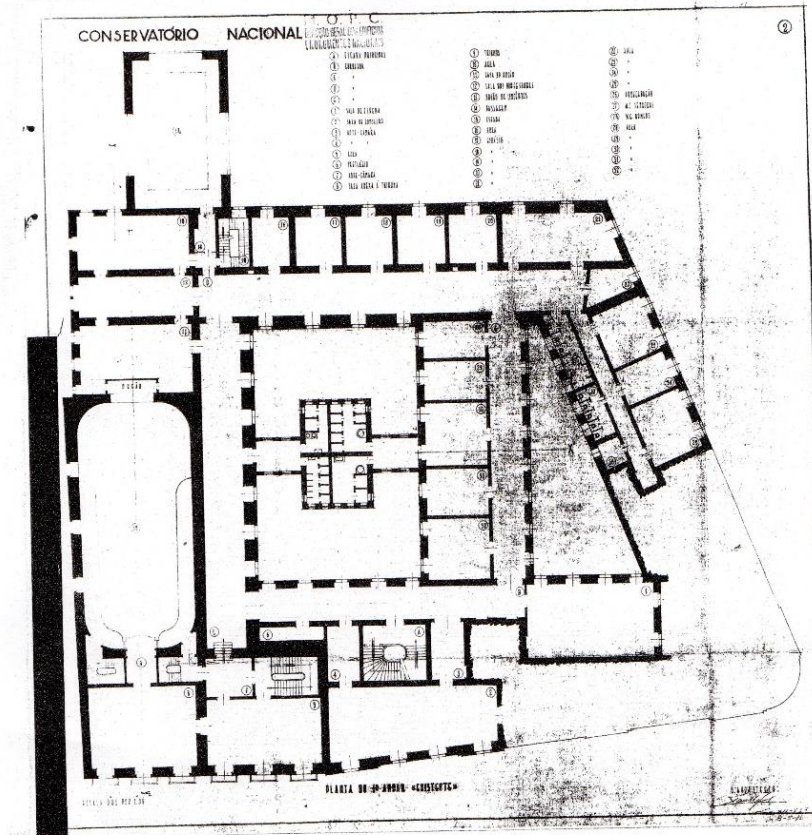
MATEUS, Inês Vaz (2012). *Adaptabilidade e novos usos - do teatro variedades à casa de jazz- arquitetura de integração*, Projeto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura de Interiores, FAUTL, Lisboa apud Grupo

1946 | As últimas referências sobre alterações no edifício datam de 1946, com um projeto de requalificação a cargo do arquiteto Duarte Pacheco, onde foram efetuadas grandes alterações no Salão Nobre, criadas amplas salas onde seria instalado o museu instrumental e foi ainda desenhada uma biblioteca pelo arquiteto Raúl Lino.

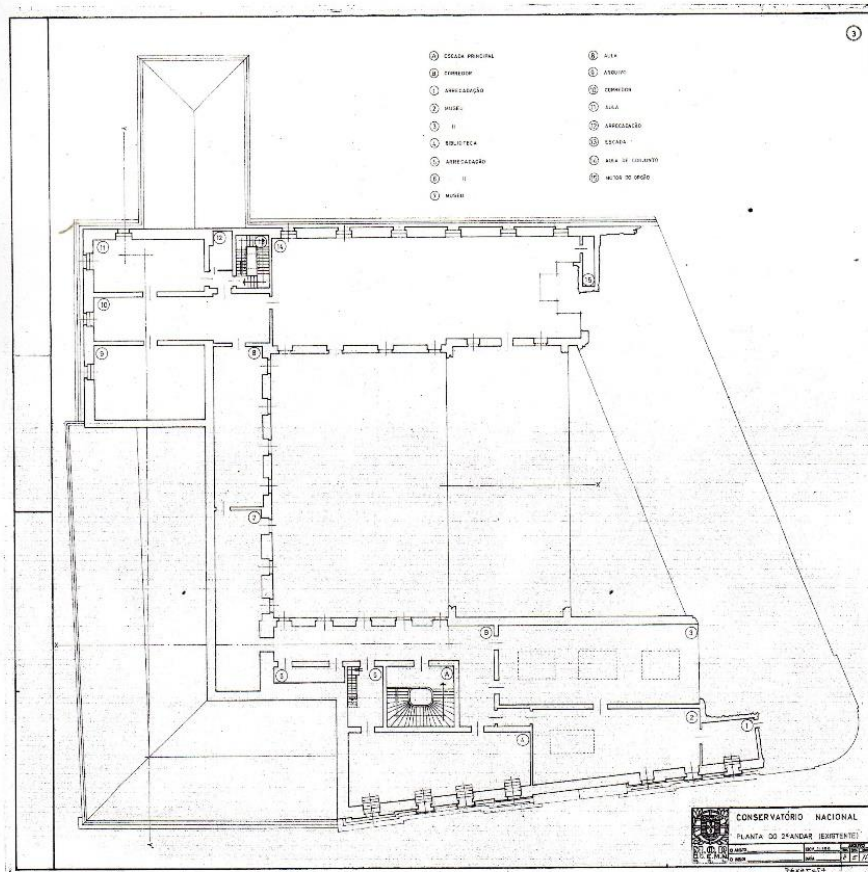
DES.00033865
IHRU; publico; 20/10/2014



PL1 - Conservatório Nacional de Musica, Planta térrea do "existente", 1942, Arq. Raul Tojal, Arquivo do Forte de Sacavém - I R H U apud Grupo I



PL2- Conservatório Nacional de Musica, Planta 1ºAndar do "existente", 1942, Arq. Raul Tojal, Arquivo do Forte de Sacavém - I R H U apud Grupo I



PL3 - Conservatório Nacional de Musica, Planta 2ºAndar do "existente", 1942, Arq. Raul Tojal,
Arquivo do Forte de Sacavém - I R H U apud Grupo I

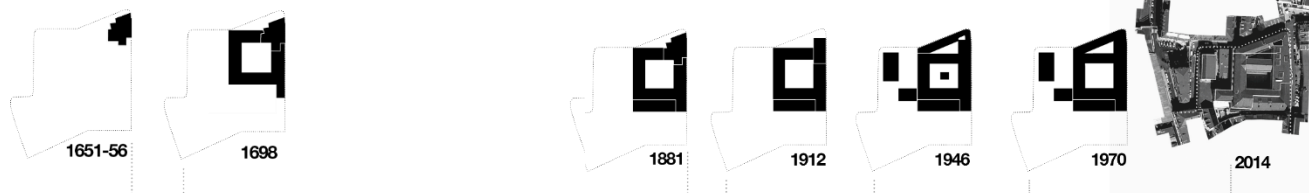


Foto antiga da Rua dos Caetanos e do Convento.

1983 | O Conservatório Nacional é reconvertido em várias escolas autónomas: duas secundárias (Música e Dança) e três superiores (E.S. Dança, E.S. Música e E.S. de Teatro e Cinema). Deste modo, surge a Escola de Música do Conservatório Nacional (EMCN), apenas com ensino básico e secundário.

2005 | A EMCN mantém-se no antigo Convento dos Caetanos, apesar das condições de degradação e insalubridade do edifício.

Síntese Cronológica



1600

1700

1800

1900

2000

1755 | Terremoto 1 de Novembro

1651-56 Construção da Igreja da Nossa Sra da Divina Providência

1698 | "início da construção do novo edifício (...) igreja e convento na forma conjunta" Paulo Varela Gomes

1881 | inauguração do Salão nobre

1912 | Demolida a Igreja e probengimento de novo corpo dedicado a salas de aulas.

1946 | Levantamento do Pau-Tejo, Pavilhão no centro do pátio, e novas construções a poente e norte.

1970 | Ligação dos pátios. Fase concluída.



Planta geral com a localização e enquadramento do Bairro Alto na cidade de Lisboa e as suas principais artérias de ligação (Grupo III)

2.2. Enquadramento Urbano

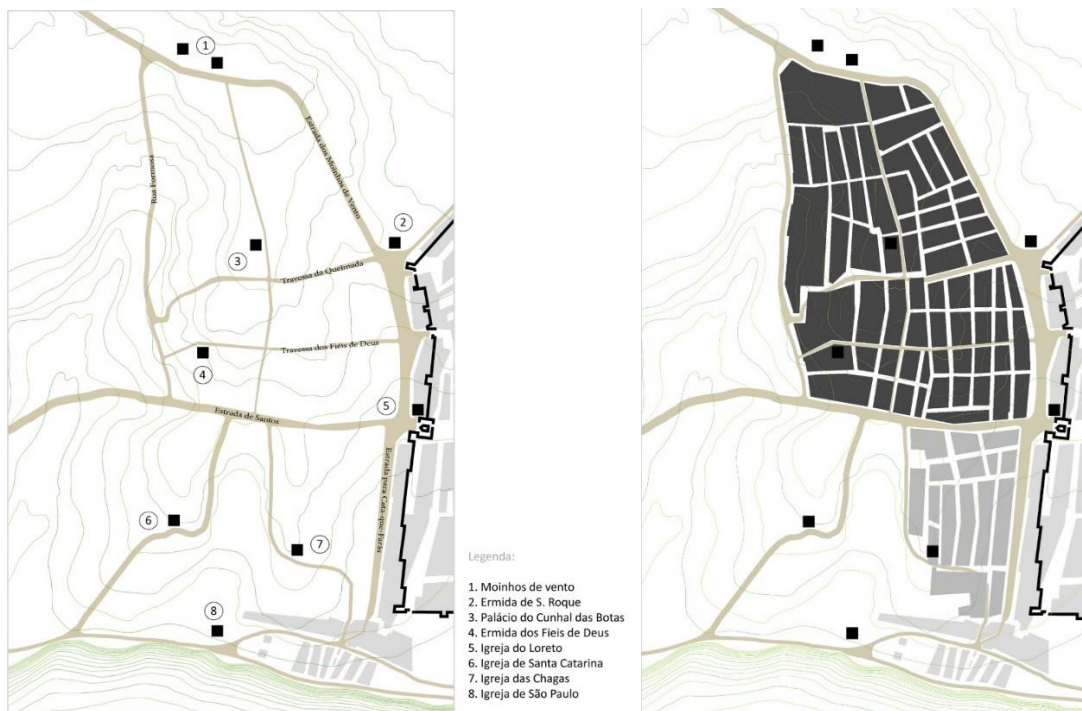
O bairro adquiriu uma clara definição dos seus limites na cidade, dado que, existe uma forte cintura de envolvimento formada por grandes vias de circulação da cidade desvia para a periferia os diferentes fluxos, salvaguardando o interior à sua intimidade quotidiana e às suas relações de vizinhança. A malha ortogonal apertada, constituída por ruas e travessas, cria uma estrutura residencial contínua de grande tensão que, acrescido de uma rigorosa definição de limites acentua esta coesão interna e a privacidade do interior do bairro. Provavelmente nenhuma outra zona da cidade de Lisboa apresenta este vasto conjunto de qualidades que vão desde a unidade do traçado urbano, à riqueza de sedimentação arquitetónica e clareza de limites, até à intimidade vivencial e identidade particular.¹³

Na segunda metade do séc. XV, a cidade de Lisboa começou a crescer para fora da muralha fernandina e no final do mesmo século já era possível identificar as várias ruas e travessas que deram origem ao traçado urbano atual.¹⁴ Entre elas, a antiga Estrada de Santos (atual Calçada do Combro - Rua do Loreto), a Estrada Cata-que-Farás (atual Rua do Alecrim), a Estrada dos Moinhos de Vento (atual Rua da Misericórdia - Rua São Pedro de Alcântara - Rua D Pedro V) e a Rua Formosa (atual Rua do Século), desenvolvendo-se assim a Vila Nova de Andrade, denominada posteriormente de Bairro Alto de S. Roque. Mais tarde, a urbanização estende-se para os terrenos mais próximos, sendo que a última zona, entre a Rua da Rosa e a Rua Formosa (Século), são as últimas a ser ocupadas e portanto este conjunto, voltado a poente e em forte declive, mantém até hoje um ambiente e carácter mais rural remetendo a casas, quintais e pequenas hortas.¹⁵

¹³ CARITA, Helder (1994). Bairro Alto - Tipologias e Modos Arquitetónicos. Câmara Municipal de Lisboa. Capítulo I, Introdução. p. 12 *apud* Grupo II

¹⁴ *Idem*, p. 19 *apud* Grupo II

¹⁵ CARITA, Helder (1994). Bairro Alto - Tipologias e Modos Arquitectónicos. Câmara Municipal de Lisboa. Capítulo II, 3.O Bairro Alto de S. Roque. Os Jesuítas: 2ª Fase de Urbanização. p. 25-29 *apud* Grupo II



Ruas estruturais e Edifícios emblemáticos - Finais do Século XV/ Segunda fase de consolidação de urbanização - Século XVII.
 Esquema elaborado a partir da obra: CARITA, Helder (1994). Bairro Alto - Tipologias e Modos Arquitetónicos. Câmara Municipal de Lisboa, pelo Grupo II.

Por conseguinte, o Bairro Alto consolidou-se na zona mais a Norte da antiga Estrada de Santos, que acabou por ser o eixo principal que divide definitivamente, a zona Sul de Vila Nova de Andrade (Chagas) da zona Norte e dá ao atual Bairro Alto.

Nas cidades portuguesas, a diversidade do tecido urbano e a própria variedade dos traçados resultam da conjugação e adaptação a situações geográficas distintas, como colinas, planaltos, encosta e vales, que pelas devido às suas características potenciam formas diferentes de ocupar o lugar. A unidade de cada cidade é assegurada pela articulação entre as diferentes partes homogéneas, ligadas através de sistemas de espaços públicos que conjugam largos, praças e ruas que estabelecem relações de continuidade.

A observação do sítio enquanto suporte para a implantação de cidades, permite definir um primeiro ponto de situação sobre a produção do traçado urbano no contexto português, demonstrando a valorização do relevo como preexistência e a sua confirmação como algo permanente e eterno na forma urbana. O relevo adquire um maior protagonismo na definição do traçado quando os elementos urbanos e a estrutura morfológica do conjunto reproduzem a morfologia do lugar – dos acidentes topográficos e dos elementos marcantes da paisagem – e quando as regras de produção do traçado são profundamente controladas por princípios de acomodação, tanto adaptando, como ajustando a configuração do tecido urbano às circunstâncias do local e do contexto.

Em relação ao universo urbanístico português, verifica-se que existe uma preferência generalizada para a ocupação de locais dominantes sobre a paisagem, que se reflete na implantação dos assentamentos, no alto das colinas, nas encostas ou ao longo das cumeeiras. Exemplo disso é o Bairro Alto, que se estabelece numa zona de relevo acentuado e possui um conjunto de edifícios importantes localizados em pontos de estrategicamente elevados, sob linhas de cumeeira, tal como podemos verificar no esquema a seguir.¹⁶

¹⁶ Grupo II

Topografia referente à área de estudo e respetiva envolvente com edifícios notórios (Grupo II)

— Linhas de cumeeira — Linhas de vale — Igrejas



Convento de São Pedro de Alcântara¹

Século XVII

Usos actuais |
Loja comercial;
Auditório.



**Igreja de São Roque/
Casa Professa¹**

Século XVI

Usos actuais |
Igreja da Misericórdia de Lisboa;
Museu de São Roque;
Serviços Administrativos da Santa Casa da Misericórdia.



Convento/Colégio dos Inglesinhos¹

Século XVII

Usos actuais |
Igreja;
Habitação.



Convento dos Cardaes¹

Século XVII

Usos actuais |
Museu;
Associação Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos.



Convento dos Caetanos

Século XVII

Usos actuais |
Conservatório Nacional de Música

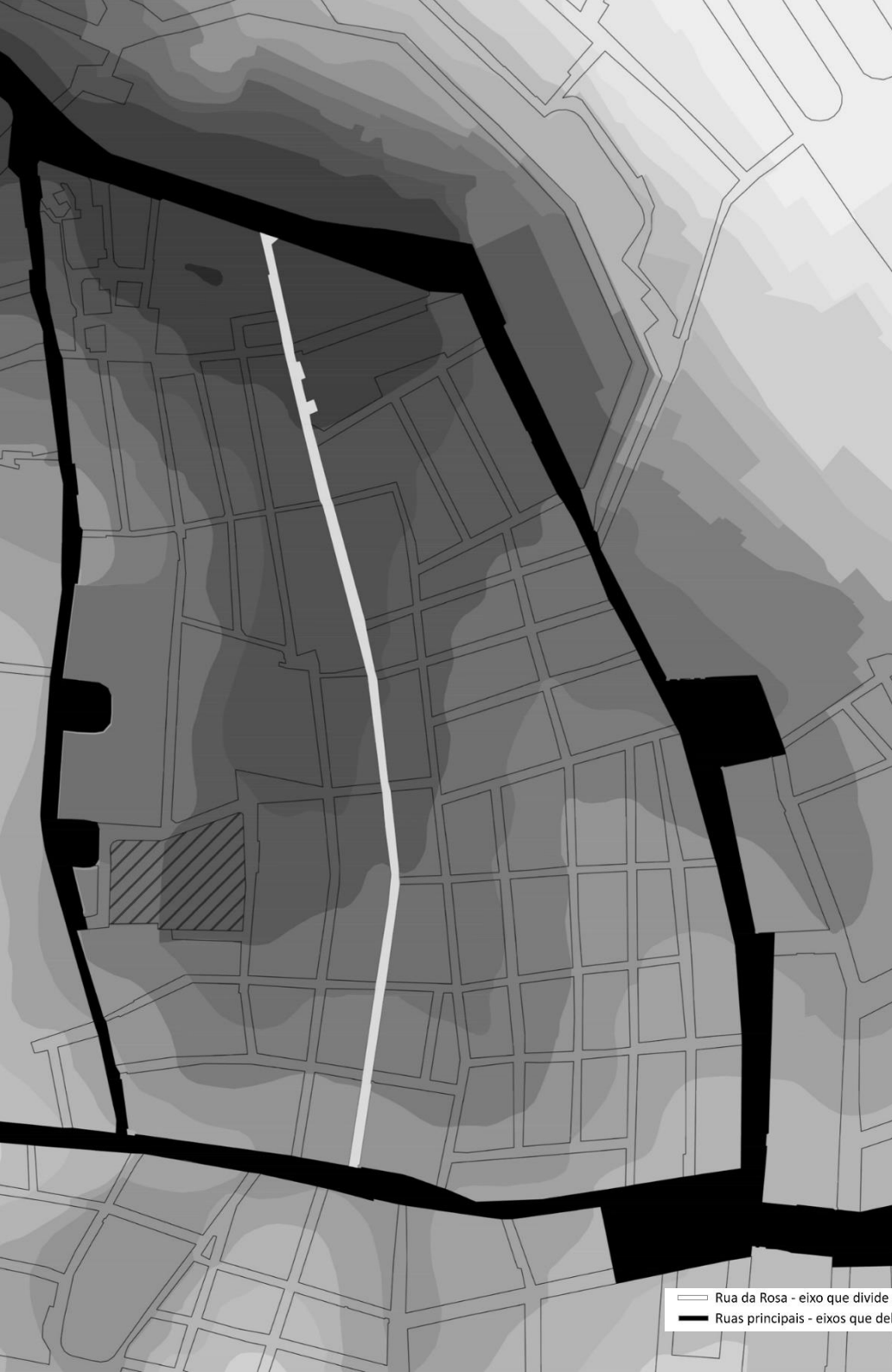


Igreja de Nossa Senhora da Encarnação e Igreja de Nossa Senhora do Loreto¹

Século XVIII

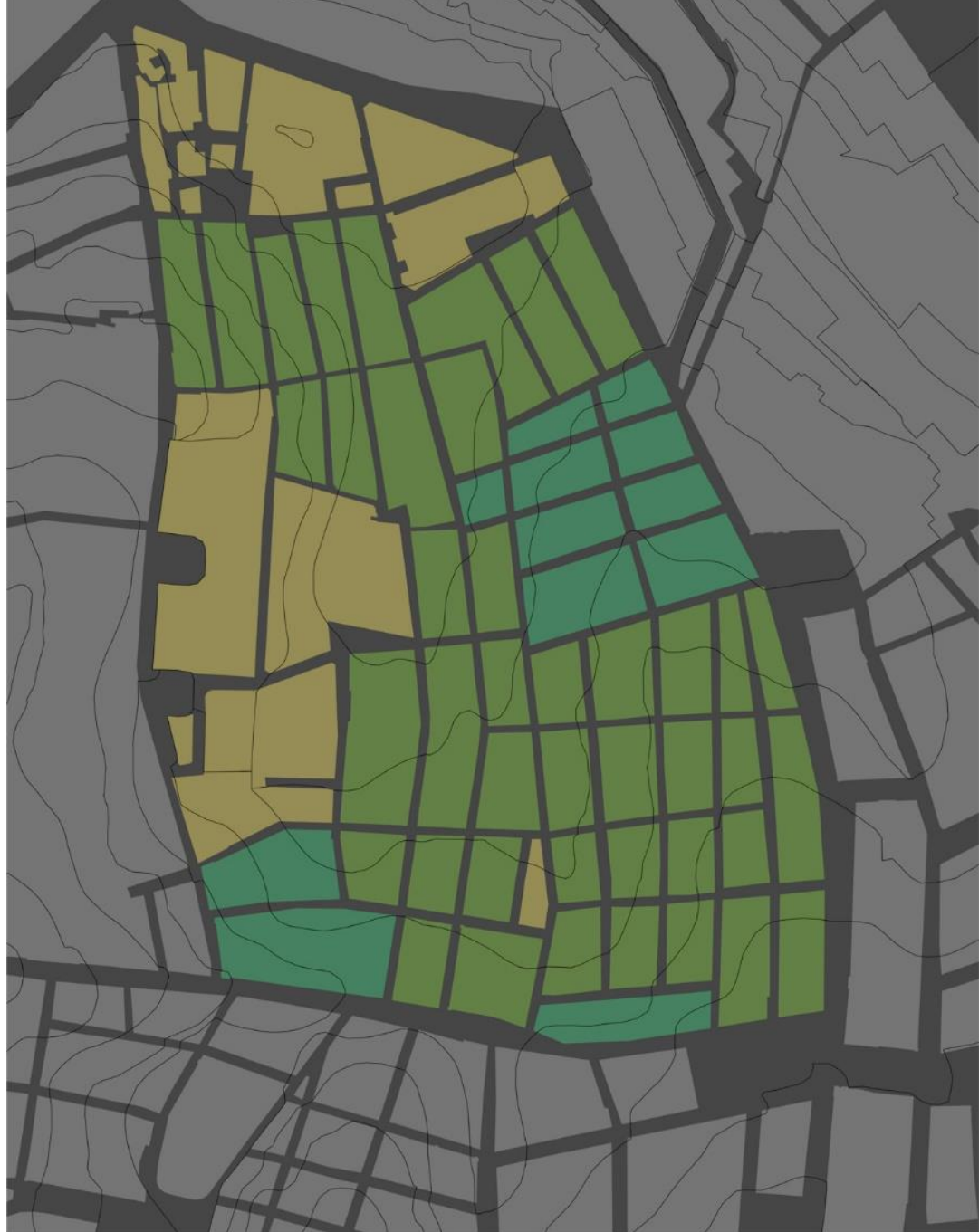
Usos actuais |
Igreja





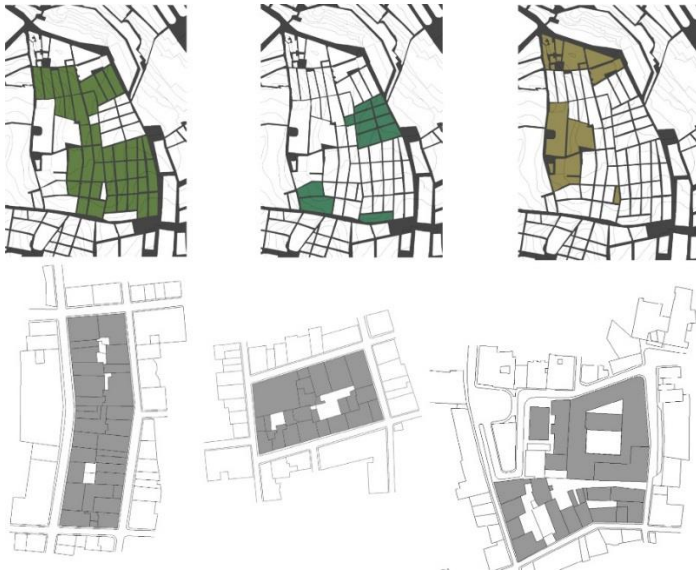
Topografia referente à área de estudo e respectivas vias de circulação (Grupo II)

- Rua da Rosa - eixo que divide o bairro e simultaneamente liga duas vias principais
- Ruas principais - eixos que delimitam o bairro



— Quarteirões horizontais — Quarteirões verticais — Quarteirões irregulares

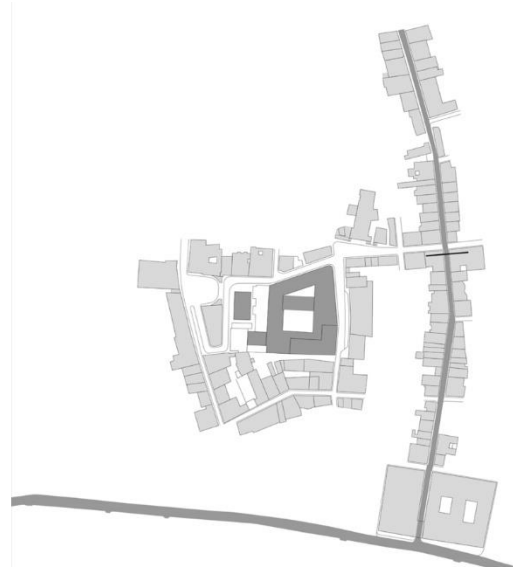
“Atualmente, a malha regular, limitada pelas principais vias de circulação que ligam o bairro à cidade, apresenta um conjunto de ruas estreitas no seu interior com quarteirões retangulares e estreitos, organizados verticalmente e horizontalmente, e ainda outros mais irregulares que, de uma certa forma mantiveram o seu aspeto rural, pois estabeleciam na sua maioria, a transição entre a cidade e as zonas rurais. É nesta transição que localiza-se o antigo Convento dos Caetanos. (...) Em geral, o bairro apresenta um tipo de quarteirão densificado com ausência de espaços vazios no seu interior, exceto nos mais irregulares, como é o caso do atual Conservatório de Música.



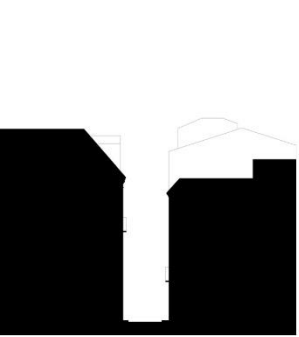
Exemplos dos 3 tipos de Quarteirões (Grupo II)



Enquadramento viário | Rua do Século - Calçada do Combro - Travessa Mercês. (Grupo II)



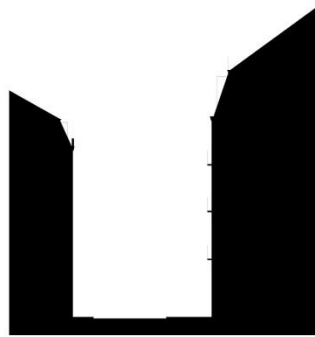
Enquadramento viário | Calçada do Combro - Rua da Rosa. (grupo II)



A) Rua da Rosa



B) Travessa Mercês



C) Calçada do Combro



D) Rua do Século



E) Chafariz da Rua do Século

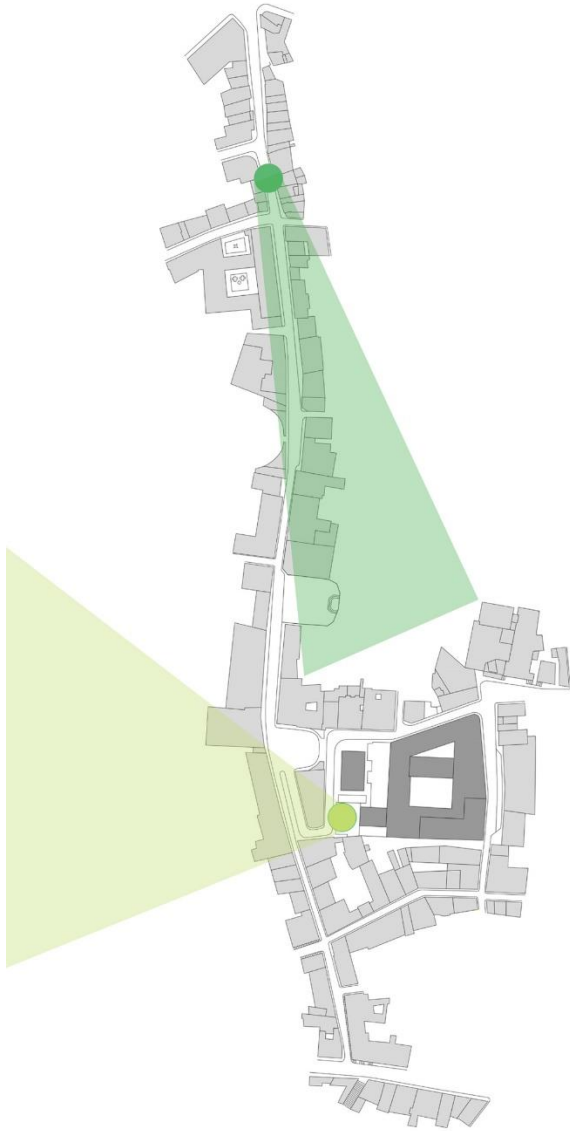


F) Largo





- Habitação
- Habitação/Escritório
- Habitação/Comércio/Escritório
- Habitação/Garagens/Administrativo
- Habitação/Administrativo
- Habitação/Comércio
- Comércio
- Administrativo
- Comércio/Administrativo
- Comércio/Escritório/Administrativo
- Garagens/Armazéns
- Igrejas
- Edifício Escolar



● Rua do Século



● Conservatório de Música



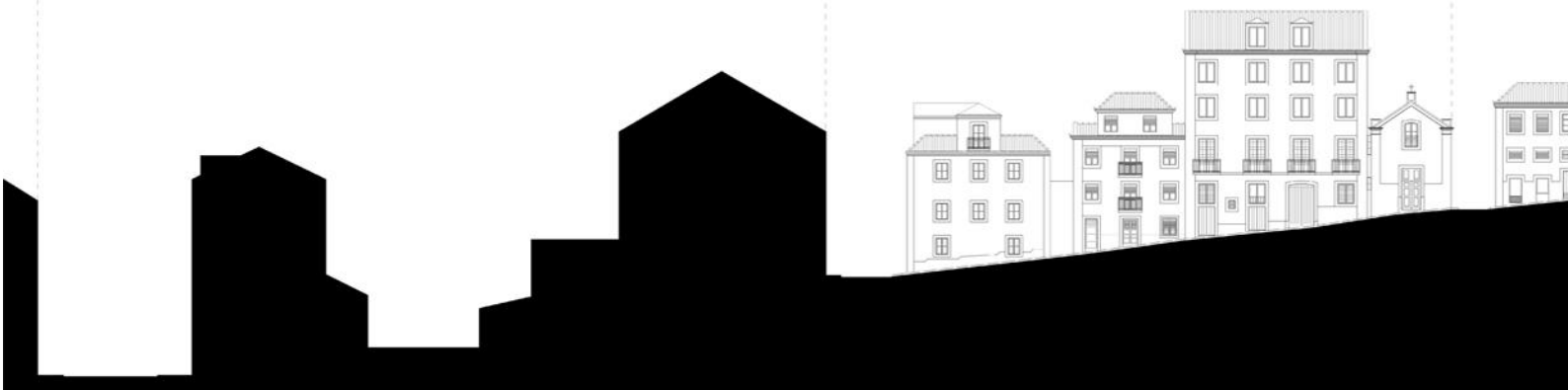
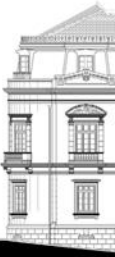
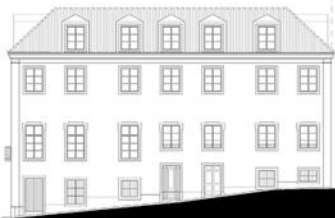
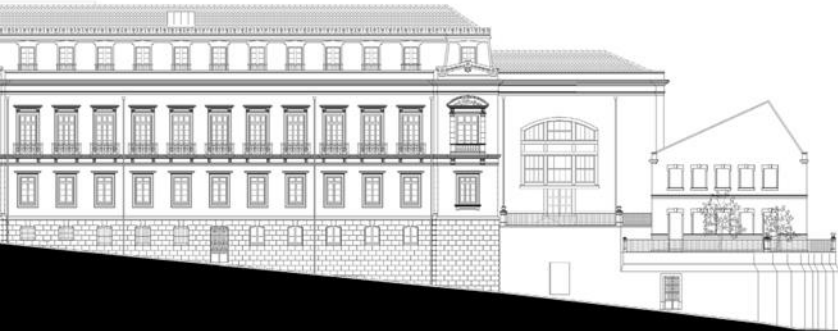


Imagem 21. Perfil de Enquadramento Urbano 2

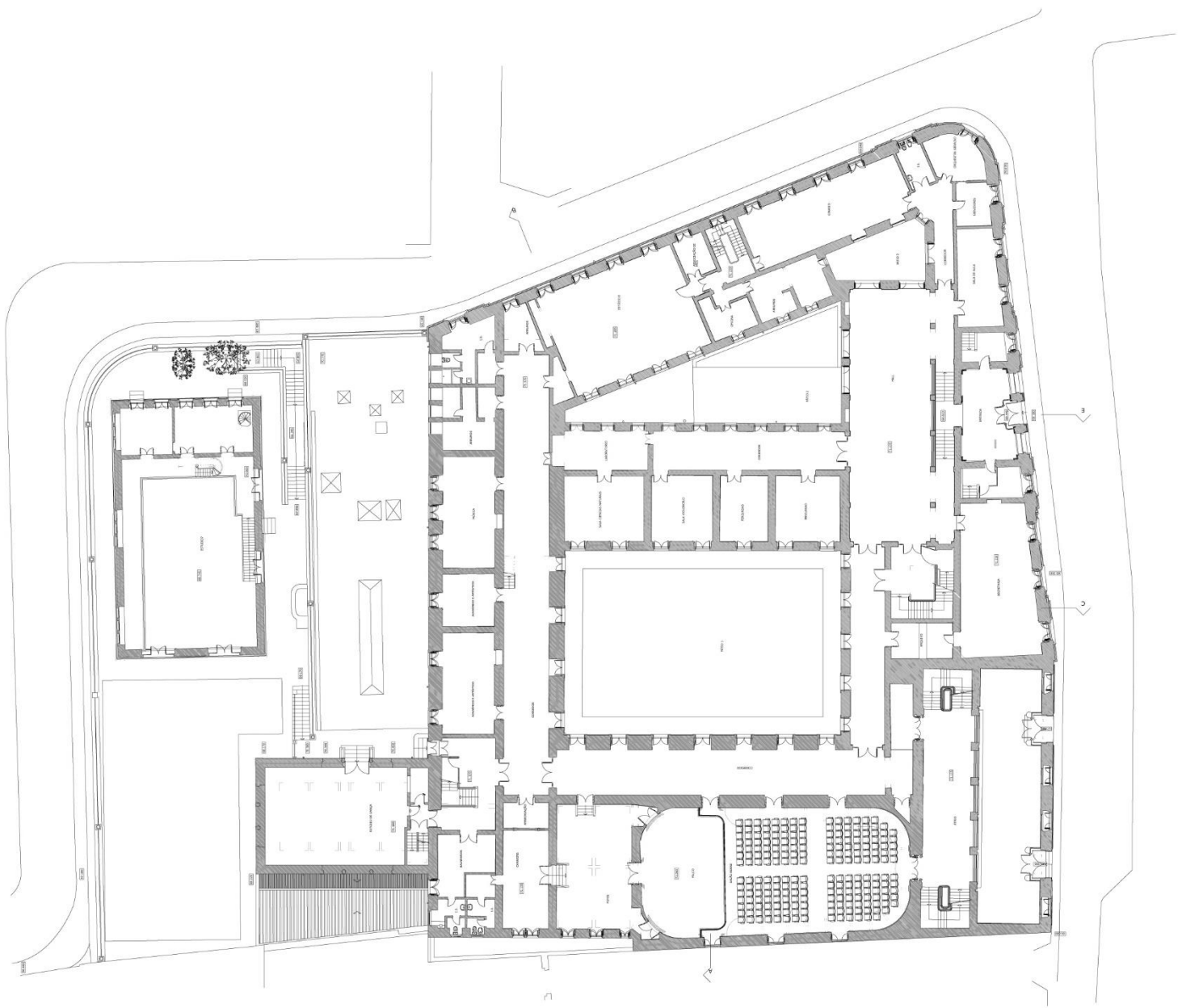


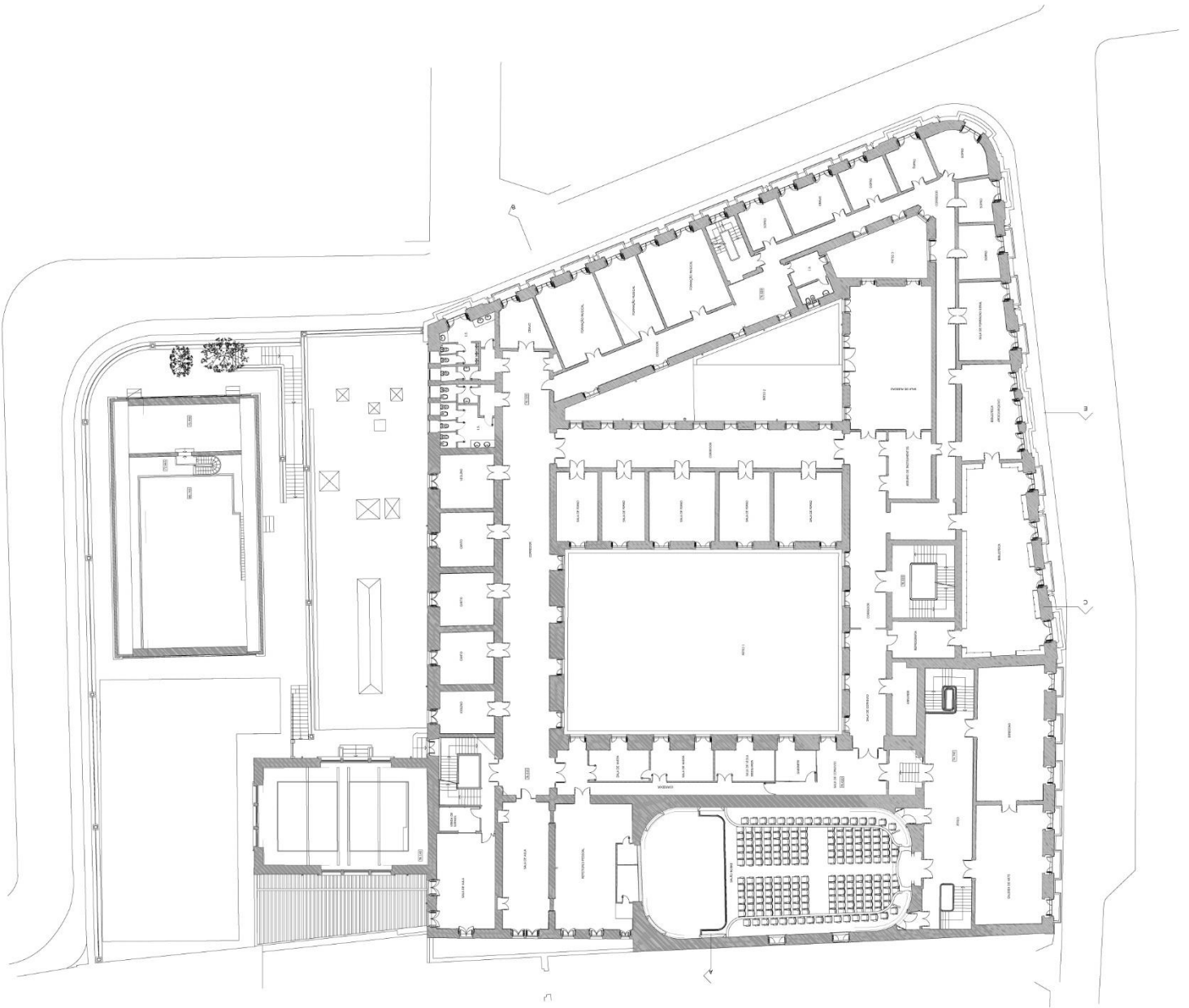


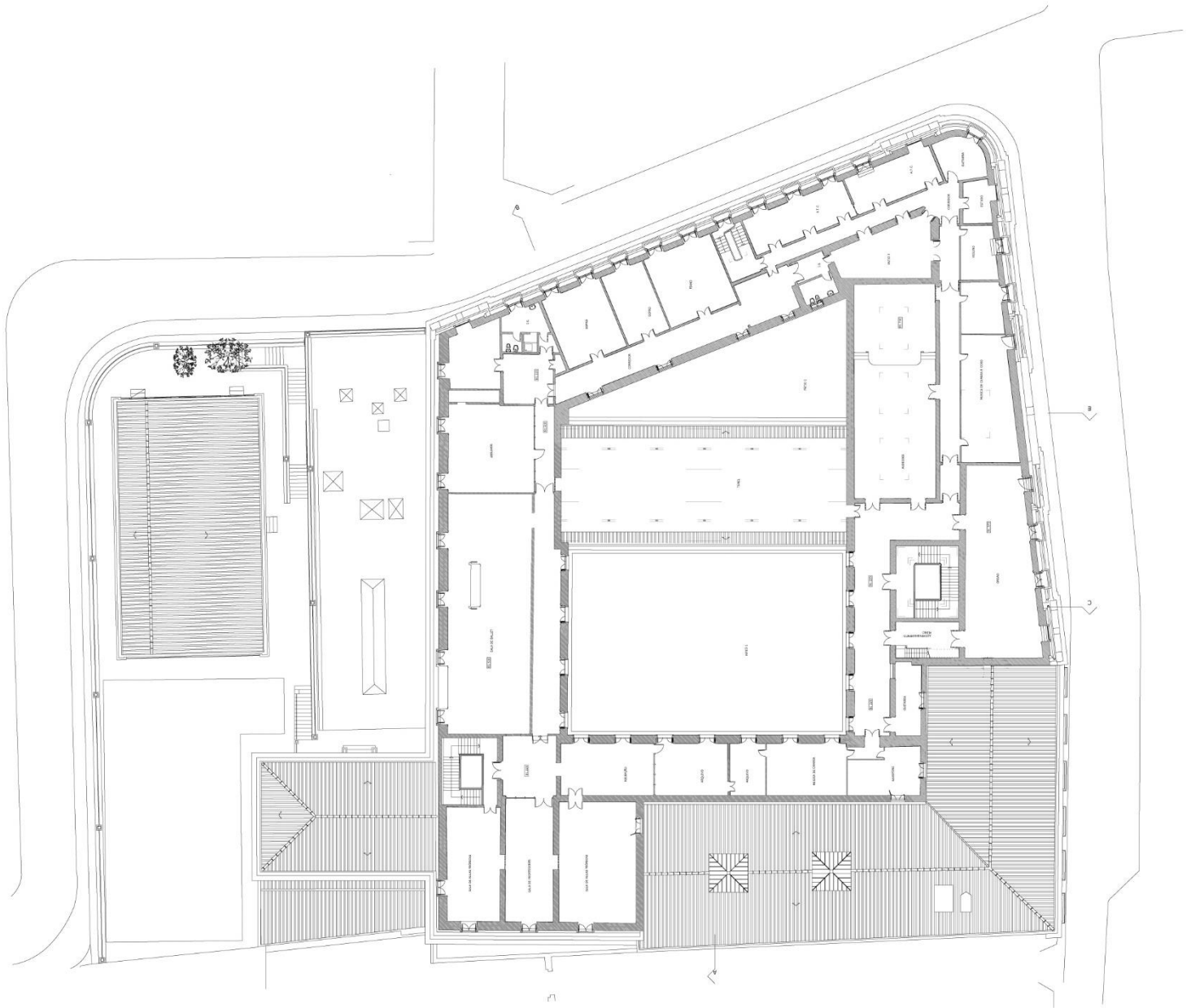


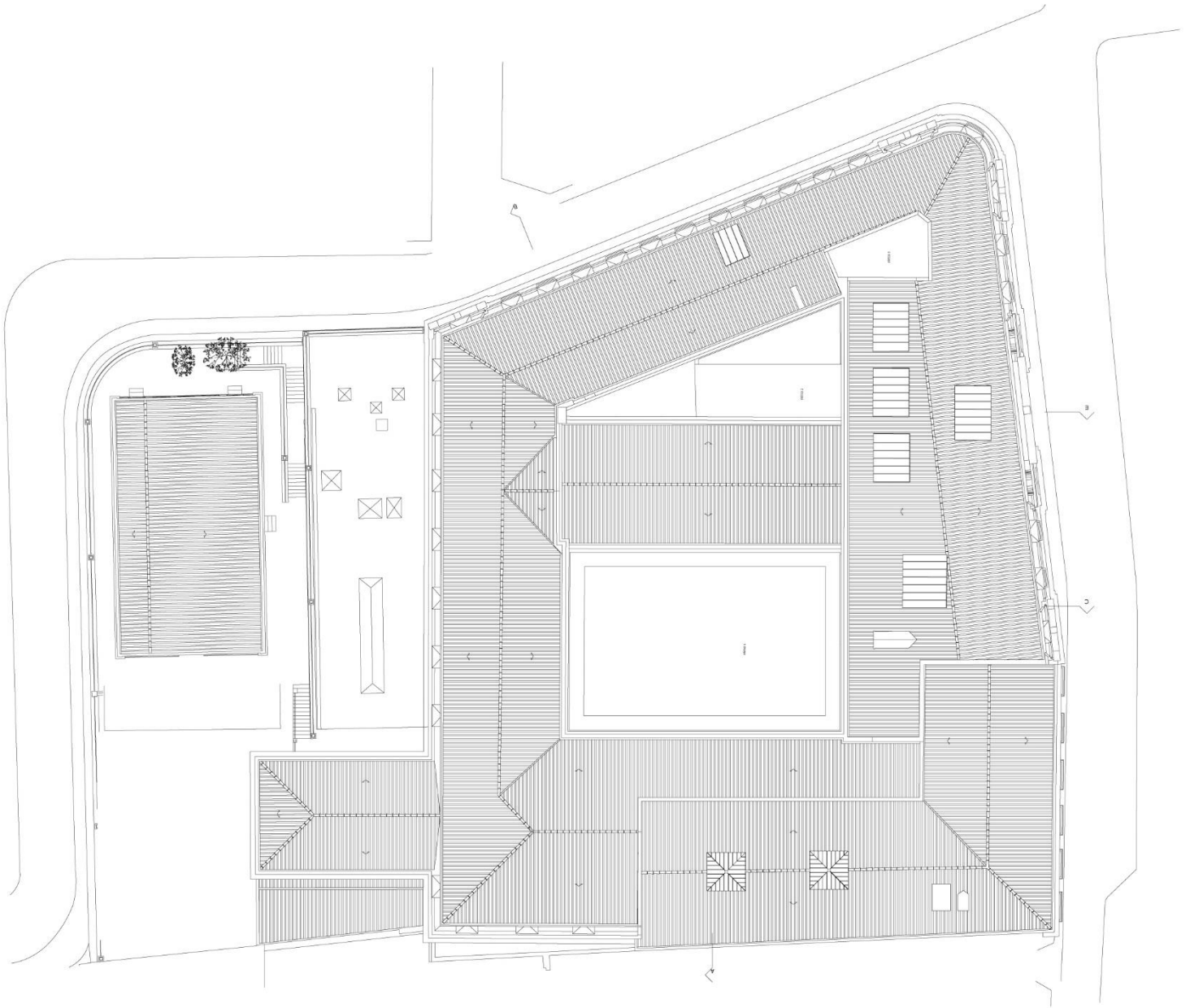
2.3. Elementos gráficos



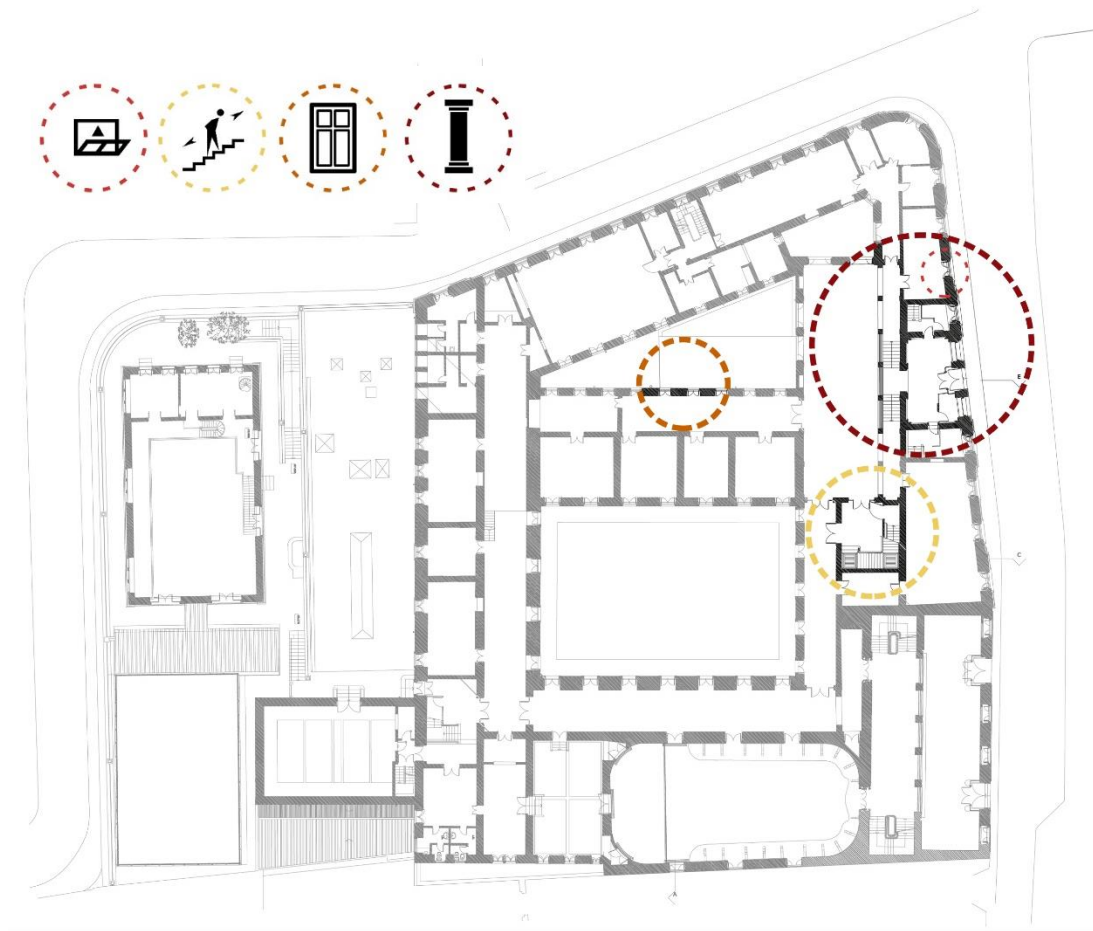








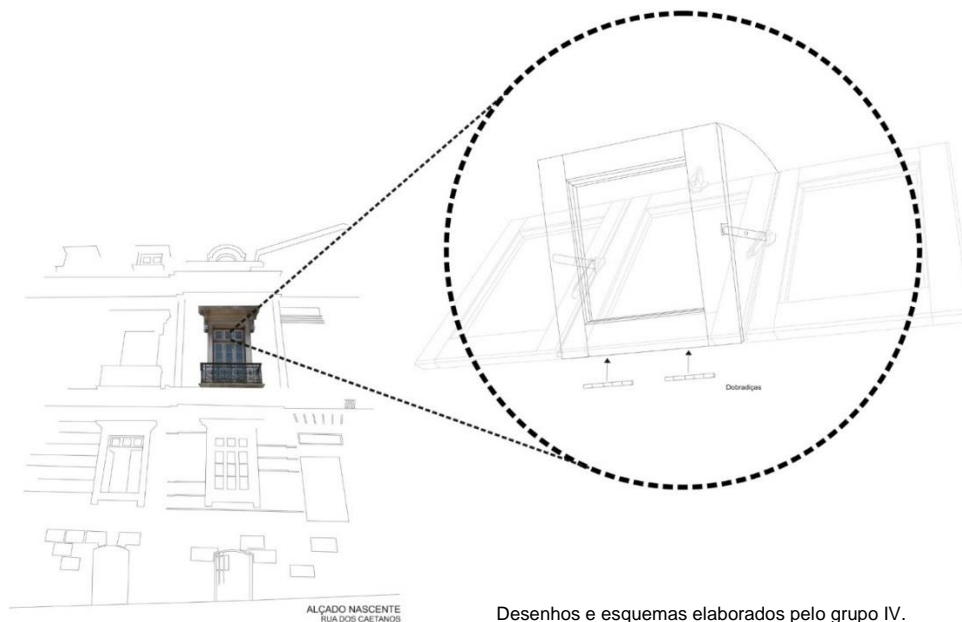
2.4. Pormenores e Detalhes



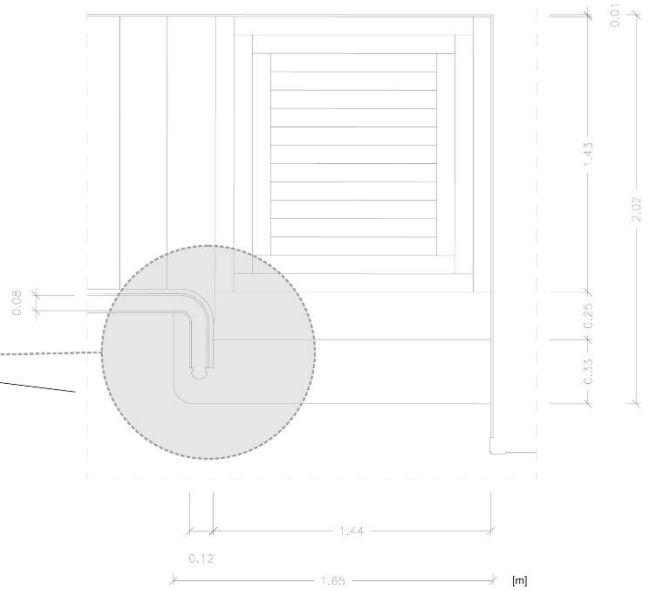
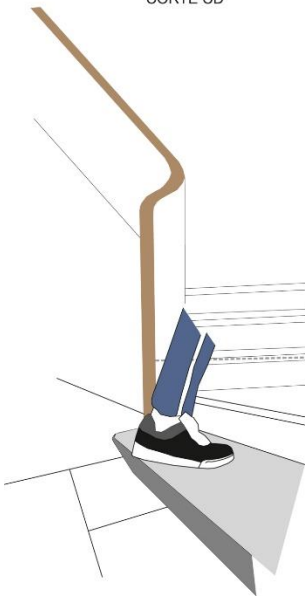
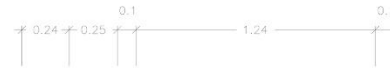
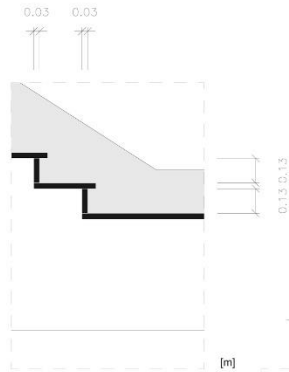
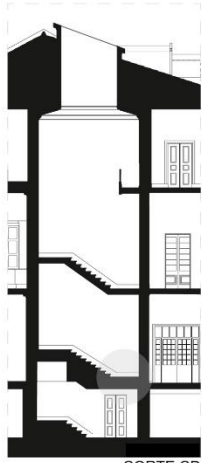


Janela Pivotante da Biblioteca

A janela apresentada faz parte dos vãos que da zona da biblioteca, situando-se no alçado principal do conservatório. Cada um destes vãos é constituído por três partes e 3 janelas, na sua parte superior, em que duas, situadas nas extremidades são fixas e a central de batente rebatível. A janela de caixilharia de madeira (0.27x0.56x0.07), de mecanismo simples com dobradiças de ferro permitindo o seu rebatimento e umas peças centrais que a prendem até um certo ângulo. Este sistema proporciona ao espaço um meio de ventilação controlada.



Desenhos e esquemas elaborados pelo grupo IV.





Escadas

“As escadas aqui representadas situam-se junto ao átrio de entrada fazendo o primeiro ponto de distribuição para os outros pisos do edifício. Estas escadas têm vários elementos importantes que enaltecem a sua beleza, revelando elementos decorativos muito interessantes. No caso do corrimão de ferro pintado de preto, verificamos que o seu desenho é inspirado na arte-nova. Os rodapés também denotam a sua particularidades pelo seu desenho e pelo seu destaque em relação á parede pelas diferentes tonalidades de cor que apresentam. É de destacar também o primeiro patamar que é de pedra mármore que marca uma separação entre o plano de chão e outra cota. O resto das escadas é de madeira. A outra escada situada no fim do corredor oposto também apresenta a mesma linguagem, contudo com menos pormenorização, marcando outro tempo histórico.” (Grupo IV).

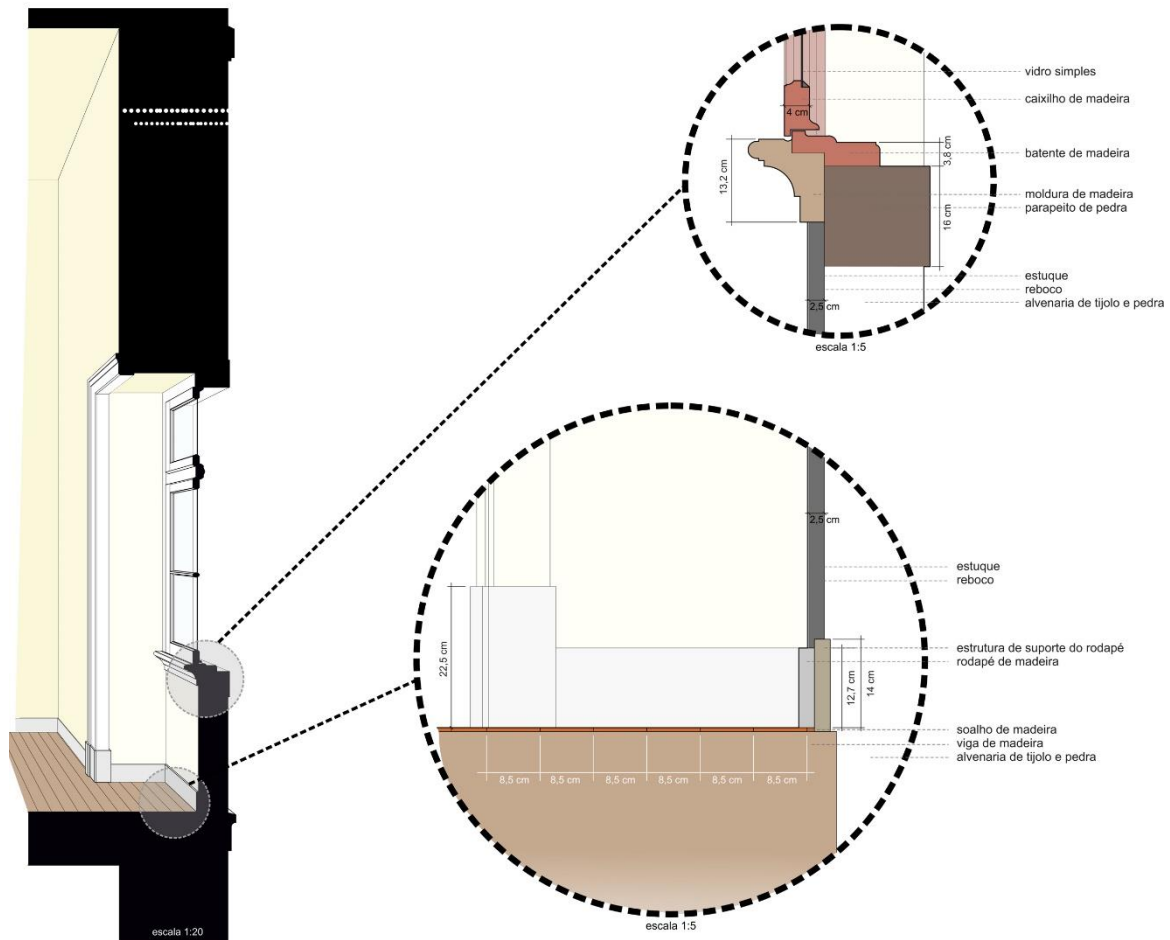




O Átrio de entrada

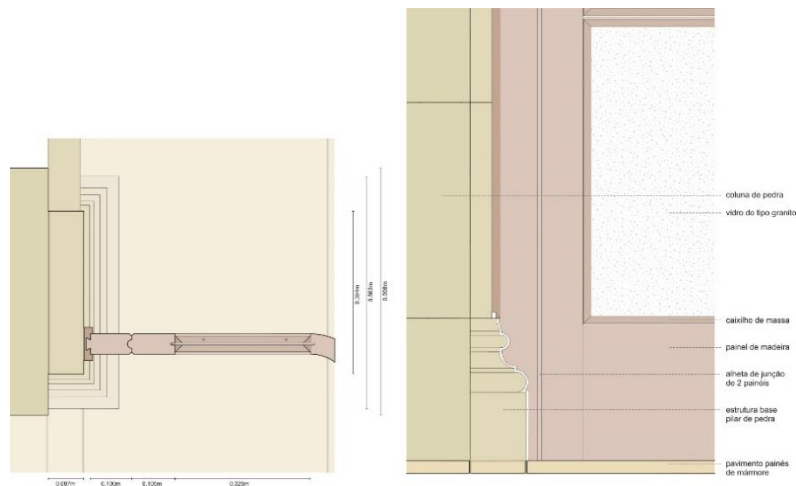
O átrio de entrada apresenta uma diferença de cota em relação à recepção e é caracterizado pela geometria do seu pavimento de mármore em dois tons e pelos seus pilares que delimitam o espaço de circulação e o espaço de estar. Os pavimentos e os pilares destes espaços são revestidos em mármore. No pavimento existem dois tons, um azul e um rosa, e os pilares são apenas revestidos a mármore rosa. O pavimento na área central do átrio é composto por uma malha quadrangular com os dois tons de mármore, circunscrita numa moldura de mármore azul. Este modo de revestimento aplica-se igualmente na área de passagem que sucede ambas as escadas do átrio. Os pilares, bem como o pavimento entre eles, formam quase como uma linha em mármore rosa. Estes têm as esquinas de forma distinta na sua base apresentando-as com um ângulo de 90°, e na parte superior do pilar com as pedras apenas a serem tangentes nas arestas interiores das mesmas (Grupo IV).

Corte da fachada do corredor de plano



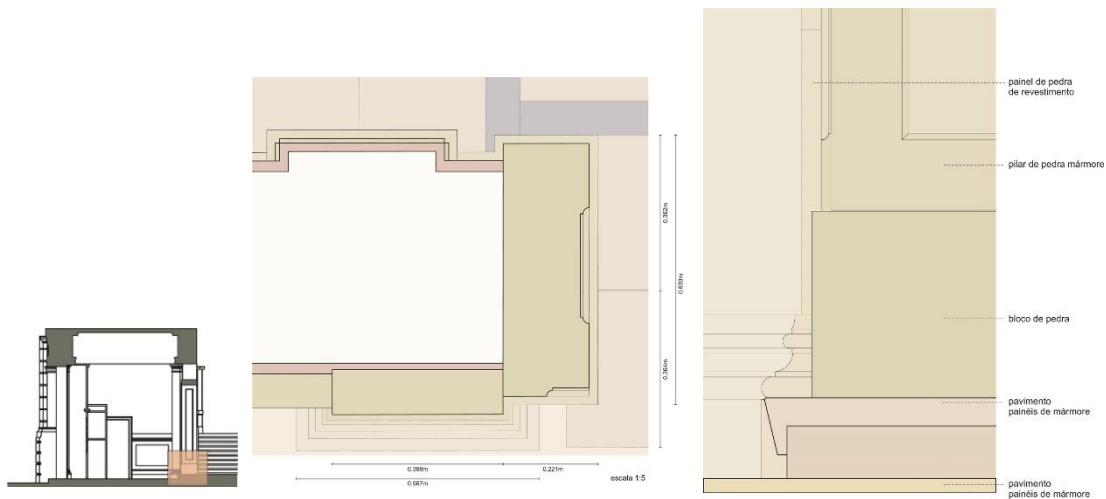
Detalhe de painéis de madeira na antecâmara da entrada principal

Neste pormenor destaca-se a junção do caixilho de madeira com a pedra de revestimento na parede interior, cujo único contacto entre os dois materiais é uma linha vertical com massa colante, que acompanha a totalidade do comprimento da pedra. A parte dos painéis que não toca diretamente na pedra encontra-se recortada de acordo com o desenho da base do «pilar» de pedra, nunca chegando a encostar nela. Os painéis de madeira assentam diretamente sobre o pavimento de pedra mármore, visto terem um carácter fixo e agirem como paredes divisórias do espaço de entrada. Da mesma forma, que a sua composição é composta por partes de madeira e não por folhas com uma estrutura associada, o que é compreensível pela demarcação de linhas verticais. Para além disso, os vidros existentes nos painéis contribuem para uma melhor iluminação do espaço posterior de entrada, mas simultaneamente agem segundo a ideia de divisória atribuída pelos painéis de madeira, através do tipo de vidro seleccionado, vidro granito, que limita o campo de visão. O vidro encaixa da mesma forma que nos restantes casos de vãos de janelas no edifício, uma vez que os caixilhos são em madeira (Grupo IV).



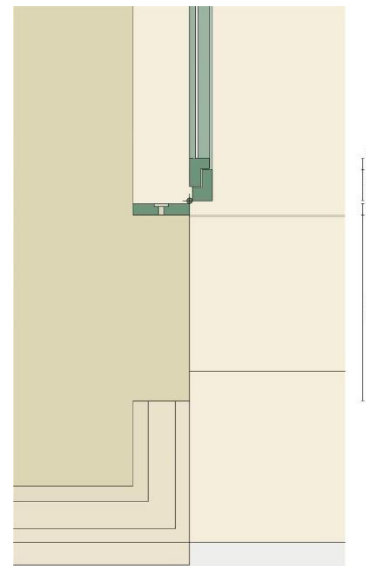
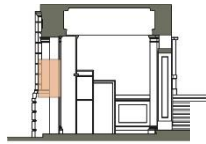
Detalhes do pavimento de pedra Lioz, da coluna e do rodapé

Este detalhe mostra a relação entre a pedra de revestimento, de estrutura e de pavimento, da parede que separa a entrada das escadas de acesso ao átrio. Assim, entende-se que parte dos componentes de pedra constituem um pilar que assenta diretamente numa base retangular, visível pela sua linha de corte. Contudo ambos os elementos (o pilar e a base) têm a mesma aparência. Por outro lado, reconhece-se que a parede apenas é revestida com pedra, pois apesar do sua aparência remeter para uma estrutura de pedra, pode-se perceber, do lado das escadas, a constituição e junção dos painéis de revestimento, que expõe a junta entre os três painéis. Estes deverão encontrar-se através de reboco que os une à parede portante. Os mosaicos de pedra de mármore do pavimento encostam diretamente à base retangular do pilar. O ligeiro retrair do espelho desse mesmo patamar, indica que as peças deverão encaixar de algum modo, como mostra o desenho representado, onde admitiu-se que a peça de pedra que constitui o espelho deverá ser única no seu comprimento, uma vez que não mostrou cortes nem ligações entre si (Grupo IV).



Detalhe do portal de ferro da entrada principal

O detalhe do portal de ferro mostra como este se insere na parede de pedra e o seu funcionamento. É constituído apenas por dois materiais: o ferro pintado e o vidro tipo granito. E é através do caixilho fixo de ferro, da mesma cor que o portal, que este se relaciona com a parede de pedra. O caixilho encontra-se fixo à parede através de um sistema de rebites metálicos à face do caixilho. O caixilho móvel incorpora o vidro e a decoração de ferro, tem dobradiças em três pontos que permitem ambas as portas moverem-se, no sentido do interior do edifício, e quando fecham não ficam à face da fachada exterior. Para além disso, de modo a moverem-se, as portas não assentam diretamente no pavimento de pedra.



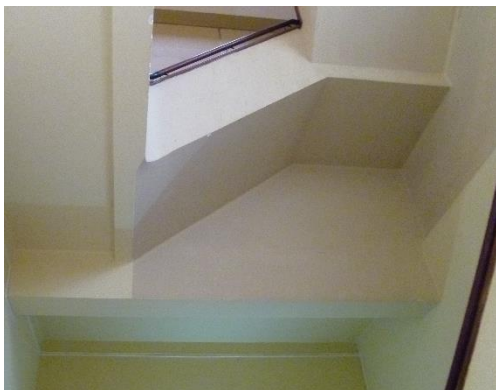
3 Proposta Individual

3.1 Abordagem inicial

Com base na abordagem inicial feita nos trabalhos de grupo, com especial evidência para o grupo de História e para o grupo de enquadramento, complementando pelo grupo de projeto do Convento foi possível verificar a evolução histórica e construtiva, assim como fazer a comparação com o estado atual do edifício. A análise anteriormente mencionada permitiu desenvolver-se um conhecimento do local que se tornou importante nas tomadas de decisão quanto ao programa a projetar para o edifício do convento e para o terreno a poente.

As diferentes épocas de construção, ampliação e remodelação do edifício também foram observadas e fotografadas, pelo que foi necessário detalhar as materialidades utilizadas. Relativamente aos métodos e sistemas construtivos tiveram de ser considerados o sistema portante das paredes como um dos fatores determinantes nas alterações a efetuar, embora de forma pontual já tenha sido adotado no edifício o sistema anti-sísmico.



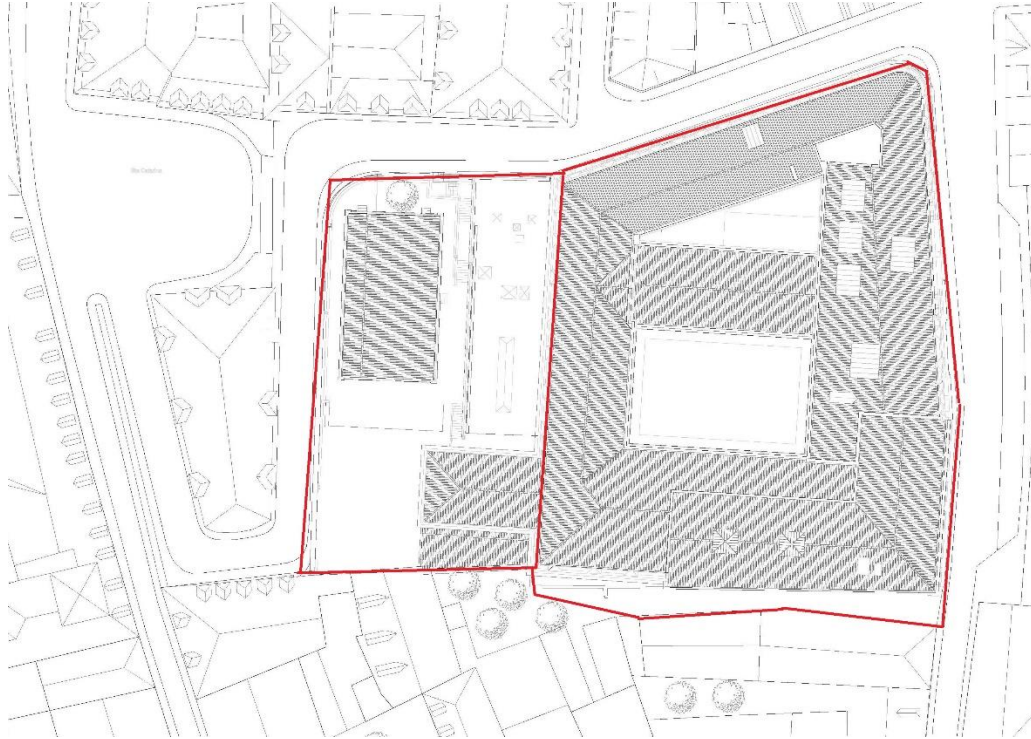


O trabalho de campo para aferição do projeto do convento permitiu conhecer exterior e interiormente o edifício, assim como a envolvente, possibilitando atualizar os desenhos que serviram de base para o trabalho. Neste contexto, a topografia da envolvente evidenciou os estudos que foram necessários fazer para conferir ao projeto uma funcionalidade adequada ao programa proposto para a Escola de Música do Conservatório de Lisboa.



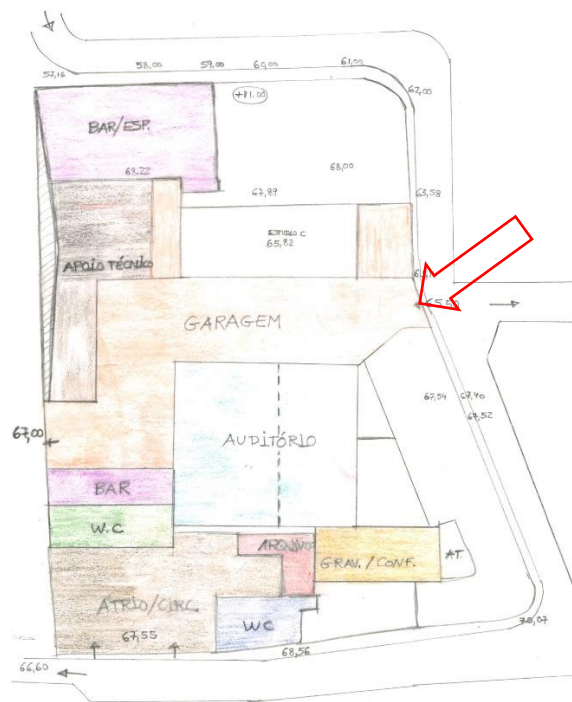


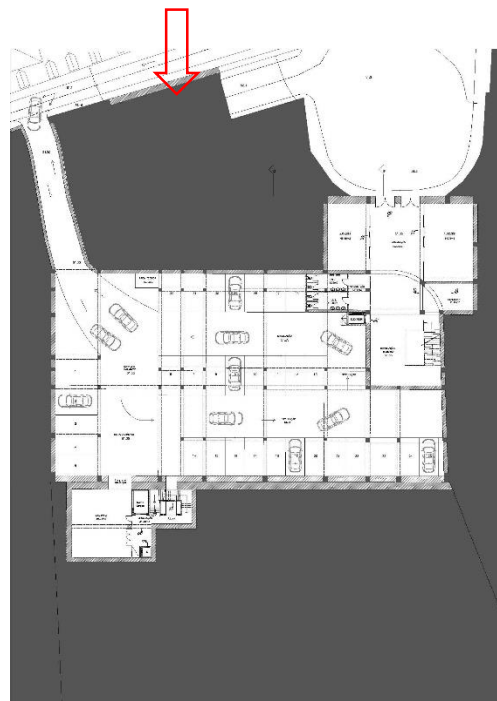
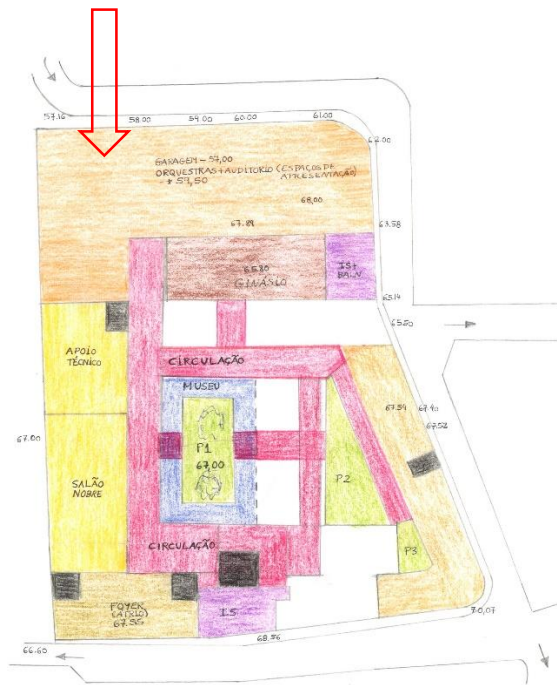
Deste modo, a forma organizacional como se desenvolveu o trabalho de projeto foi definido por duas partes distintas: o convento (existente) e o terreno adjacente localizado a poente. Por conseguinte, o primeiro trabalho realizado foi uma verificação no local das diferentes soluções construtivas de forma a permitir a abordagem do projeto a implementar pelo enunciado de PFA.



3.2 Processo Evolutivo

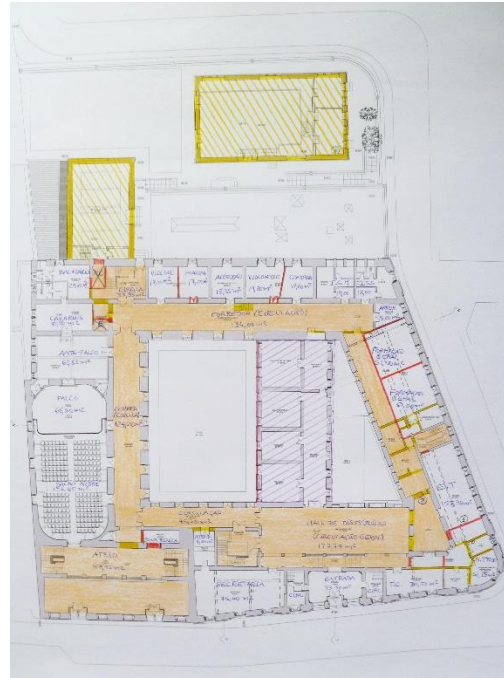
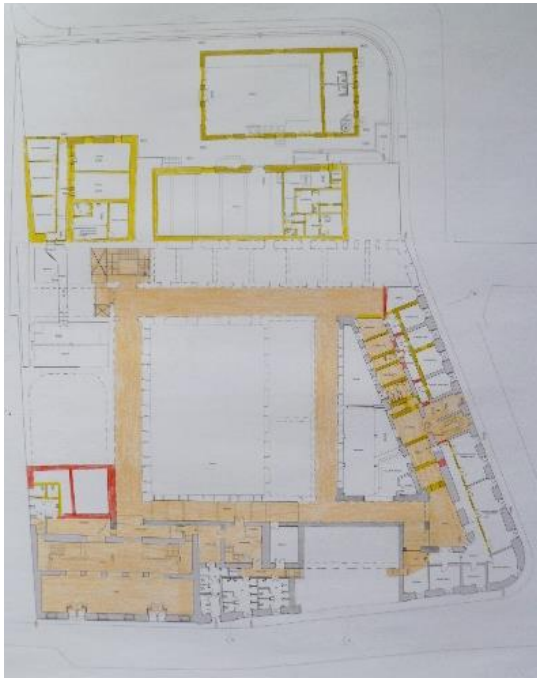
A organização de esboços com base no enunciado de PFA sobre as plantas (Existente) foi a etapa seguinte que gradualmente se foi desenvolvendo e adaptando ao programa da Escola de Música. No referido trabalho foi ainda observado o sistema viário da envolvente, a fim de estudar-se a forma mais adequada para o estacionamento solicitado no programa de PFA. Por isso foram estudadas três variantes para o parque de estacionamento coberto, antes de ser conseguida a solução final.

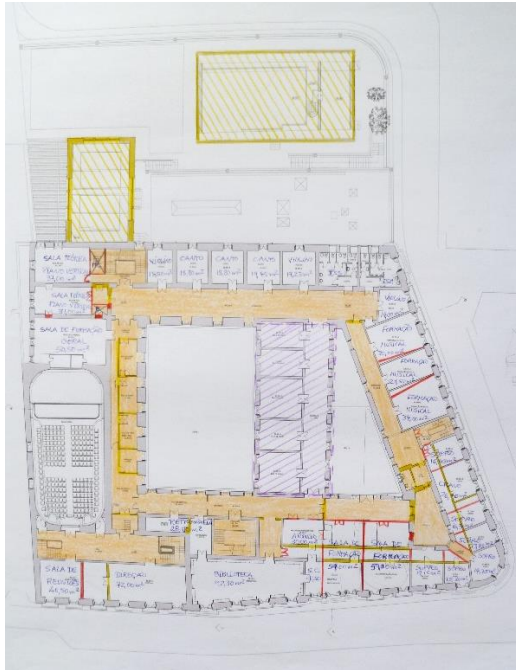




Com o intuito de implementar-se o novo programa para o Conservatório de Música Nacional foi necessário desenham-se as plantas de vermelhos e amarelos, desta forma foi possível conferir se as

alterações teriam suporte estrutural ou se teriam de ser criadas alternativas estruturais, nomeadamente com a utilização do sistema antissísmico. No que concerne a este estudo foi de imediato abordada a possibilidade de demolir o corpo interior (entre os pátios do convento), assim como o edifício construído no terreno a poente e ainda o corpo periférico apenas no lado poente do edifício.

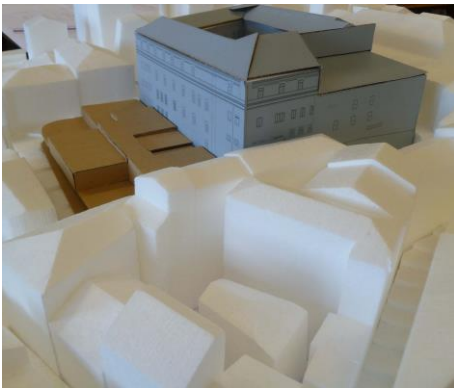




No seguimento do trabalho de análise estrutural baseado nos vermelhos e amarelos seguiu-se um período de testes para organizar o programa dos diferentes pisos do Convento, de modo a corresponder ao programa do PFA.

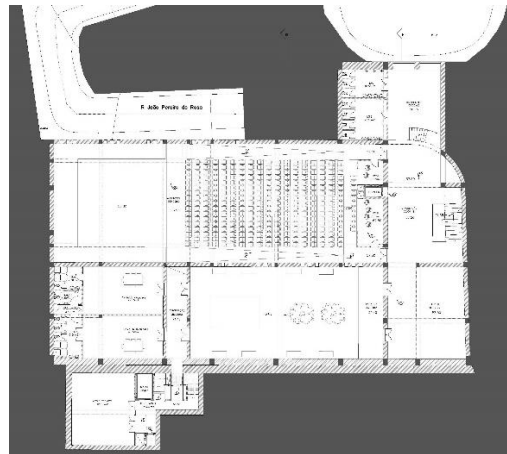


Em paralelo com o análise do edifício do convento foi necessário estudar-se o terreno a ponte do edifício para potencializar o vazio urbano entre o convento e o muro que limita o terreno com a Rua João da Rosa, pelo que, o uso desta parcela de terreno com uma área de 1.200m², poderia favorecer o programa a propor para a Escola de Música. O limite ponte desta parcela de terreno promove sobre a Rua João da Rosa, nos extremos norte e sul duas possibilidades de vistas cénicas de excelência sobre a cidade de Lisboa. O estudo deste espaço foi ainda objeto de uma maquete para aferir algumas volumetrias construtivas a propor para o local.



As diferentes componentes do enunciado da Escola de Música determinaram a organização funcional da proposta, a qual de forma evolutiva foi adaptando-se à presente solução. O desnível que se verifica entre a Rua dos Caetanos, a Rua João da Rosa e o Largo da Rua do Século foram determinantes para a presente proposta, gerando diferentes acessos ao Convento e aos espaços adjacentes com entrada pelo Largo da Rua do Século.

Deste modo, o programa do vazio a poente do Convento organizou-se em cinco pisos que envolvem um pátio interior, em que os espaços de apresentação mais polivalentes são: o Auditório e anexos (camarins, foyer, apoio técnico, apoio de palco, instrumentos, luzes e som, a Sala de Conferências, duas salas de Audições, Ginásio, Orquestras, Sala de convívio e ainda o Café concerto).



No que se refere ao edifício do convento, o programa desenvolve-se em quatro pisos, com destaque para as alterações ao nível da cota 67,75 do Piso 0. Neste piso foram reordenados diversos serviços do programa Social – (Espaços de apoio, apoio pedagógico e outros).

O Piso 1 mantém o programa inicial a nascente, sul e poente, no entanto a norte os espaços existentes foram adaptados a salas de aula e apoio pedagógico.

O Piso 2 foi alterado a norte e nascente com a adoção de salas de aula, mantendo-se no entanto a biblioteca que foi readaptada com o arquivo e sala de catalogação.

Por sua vez o Piso 3 foi alterado a nascente, poente e norte com salas de aula.

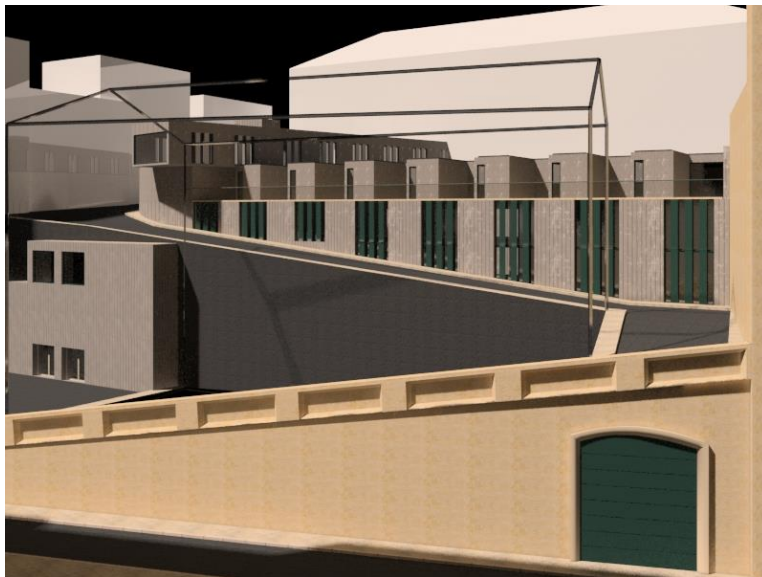
Um dos elementos principais a poente do convento é o bar concerto que se espreguiça sobre as salas de estudo que lhe dão suporte, o qual observa como de um binóculo se tratasse sobre a cidade de Lisboa, destacando-se ainda as salas de estudo que se elevam sobre a cobertura plana do auditório, espreitando-se entre si e possibilitando a observação através do corredor da disponibilidade de uso de cada uma das cabines de estudo.

Os sistemas construtivos para esta obra devem sugerir a construção de um muro de contenção periférica entre o terreno poente e o limite do convento, dado que a escavação dos pisos com cotas negativas relativamente ao edifício do convento tem de ser salvaguardados pela cisão entre a construção existente e os 5 pisos da proposta. Deste modo podemos recomendar dois tipos de muro: de Berlim ou de Munique. Estas técnicas construtivas têm sido utilizadas em diferentes localidades do país (como no caso do Campo Pequeno) onde foi utilizado o muro de Munique.

No que respeita ao sistema construtivo do auditório será um sistema misto, realizando-se em betão armado nas paredes laterais, sendo suportada a laje de pavimento por pilares que nascem no piso de estacionamento. Relativamente à cobertura plana do auditório será dotada de uma estrutura com vigas de betão pré-esforçado com aproximadamente 1,00m de altura para vencer o vão da sala.

O pátio interior permite a ligação entre diferentes programas, dotando os espaços em contato com o mesmo de iluminação natural e arejamento. Este pátio servirá de elo de ligação entre os espaços que o envolvem e permite o convívio nos espaços de pausa das diferentes atividades, quer seja do auditório e nos espaços de apoio ao mesmo, quer seja da sala de conferências ou do foyer.

As cabines de estudo edificadas sobre a cobertura plana do auditório, organizam-se entre si de forma a permitir diferentes perspetivas, quer sejam interiores ou exteriores e permitem o acesso de cada cabine a um espaço próprio. Deste modo os vãos laterais da ala de ligação (corredor) que serve as cabines de estudo não têm acesso aos pequenos vazios entre cabines.



3.3 Programa

	Un.	Área	Total área útil	Características específicas	Equipamento
Salas de aula					
Contrabaixo	1	15	15	Piano vertical, suportes instrumentos, espelho	Armário, mesa e 2 cadeiras
Violoncelo	2	15	30	Piano vertical, suportes instrumentos, espelho	Armário, mesa e 2 cadeiras
Violino/Viola	3	12	36	Piano vertical, espelho	Armário, mesa e 2 cadeiras
Viola Dedilhada	2	12	24	Espelho	Armário, mesa e 2 cadeiras
Harpa	1	15	15	Espelho	Armário, mesa e 2 cadeiras
Acordeão/Alaúde	1	15	15	Piano vertical e espelho	Armário, mesa e 2 cadeiras
Órgão	1	40 a 60	40 a 60	Órgão existente, de dimensões grandes, montagem específica.	Armário, mesa e 2 cadeiras
Cravo	1	25	25	Cravo, clavicórdio	Armário, mesa e 2 cadeiras
Piano	5	25	125	2 pianos de cauda	Armário e mesa
Tecla	2	15	30	Piano vertical	Armário e mesa
Canto	3	15	45	Piano vertical, espelho	Armário, mesa e 2 cadeiras
Madeiras	4	12	48	Piano vertical, espelho	Armário, mesa e 2 cadeiras
Metais	2	15	30	Piano vertical e espelho	Armário, mesa e 2 cadeiras
Percussão	1	40	40	5 tímpanos, 1 marimba, 1 xilofone, 1 metalofone, 2 gongos, caixas, bateria completa, 3 congas, 1 bombo, 1 sinos, 1 glonkenspiel, percussões leves (a guardar em armário)	Armário, mesa e 1 cadeira
Percussão - apoio	1	20	20	Piano de Cauda, espaço p/ grupos de câmara ou coro 60 elementos	Armário, mesa e cadeira. Armário para material de gravação
Cl. Conjunto/Coro	3	45	135	Piano de Cauda, p/ 40 a 90 elementos, incluindo instrumentos de percussão	Armário, mesa e cadeira. Armário para material de gravação
Orquestras	1	100	100	Piano Vertical	Armário
Acompanhadores	2	9	18	Piano	Armário
ópera/teatro musical	1	70	70	Piano Vertical, Quadro Pautado, para 15 a 16 alunos	Rede, projector e multimédia, quadro interactivo
Form. Musical	3	30	90		Armário, mesa e cadeira.
teóricas	2	30	60	Piano Vertical, Quadro Pautado	Rede, projector e multimédia, quadro interactivo Armário, mesa e cadeira.
ATC	2	30	60	Piano Vertical, Quadro Pautado	Rede, projectore multimédia, quadro interactivo Armário, mesa e cadeira.
Formação Geral (ciências e físico-químicas)	1	50	50	15 alunos, armário e carteiras, quadro branco, placards, uma delas com bancada com ponto de água e armário para os materiais de ciências e físico-química.	Rede, projectore multimédia, quadro interactivo
Formação Geral	6	50	300	dimensionada para o mesmo nº de alunos.	Rede, projectore multimédia, quadro interactivo
Sala EVT	1	50	50	Armários para material de desenho.	
	52		1491		

	Un.	Área	Total área útil	Características específicas	Equipamento
Apoio pedagógico					
Cabines de estudo	10	9	90	Espelho e Plano Vertical (nas maiores)	Cadeira
Cabines de estudo	10	6	60	Quadro interactivo, computadores, projector multimédia, mesas, iluminação adequada	
Sala TIC	1	40	40	Mesas de trabalho, terminais de acesso de portáteis, fotocopiadora multifunções	
Sala Professores	1	40	40	Secretárias, computadores para 5 utentes, armários	
Gabinete trabalho Departamentos	4	20	80	mesa de reunião para 4 pessoas, terminal de rede	
Gabinete de Atendimento de EE	1	12	12	Espaço de reunião para 6 a 8 pessoas isolado.	9 secretárias e armários e estantes.
Gabinete da direcção	1	70	70	Mesa para 21 pessoas (CG)	
Sala de Reuniões	1	40	40	Sala de leitura com terminal de rede, a usar tb. pela comunidade exterior dada a especificidade das espécimes disponíveis. Espaço para reservados.	
Centro de recursos (bibl., fonoteca, esp. Trabalho)				Com computador e armários/prateleiras para trabalho	
Sala catalogação				Preparado para partituras musicais (livros em A4 ou maior, com lombada fina.)	
Arquivo					
			432		

Espaços apoio

Ginásio	1			Actividades específicas, (sem jogos de basket ou volei), tipo pilates	
1 sala de secretariado associações	1	15	15	2 armários, terminal de rede, 2 secretárias	
2 esp. rec. de material (carp. e Lutherie)	2	12	24	preparados com mesa carpinteiro, armário, e contíguas para se poderem juntar	
1 sala de produção	1	12	12	Armário, secret. com terminal de rede e mesa reunião 4 ut.	
Sala para cacifos de instrumentos	2	15	30	cacifos dimensionados às caixas dos instrumentos (violino, violoncelo em saco, guitarra, trompete, fagote, trompa) e que se distribuam num espaço fechado, junto às salas do ensino integrado.	
Bar				Dimensionado para todos os alunos	
Cantina				Dimensionada para os alunos de integrado	
Reprografia	1	30	30	Com balcão e 2 a 3 máquinas de cópias, mais terminal de rede para computador.	
Arquivo instrumentos	1	25	25	Sala para guarda dos instrumentos da escola, utilizados pelas orquestras ou para alugar quando disponíveis.	
Gabinete Médico / Prim. Socorros/ Psicologia	1	15	15	De preferência equipado para todas as valências.	

	Un.	Área	Total área útil	Características específicas	Equipamento
Sala Pessoal não docente	1			Com mesa para refeições ligeiras, bancada com ponto de água, frigorífico e micro-ondas.	
Vestíários de pessoal não docente	2			Previstos com cacifos verticais e separação de sexos.	
Secretaria	1			Equipamento para 9 funcionários	
Espaço de Convívio de Alunos	1	90	90		
Arquivos				Morto de secretaria e dos últimos 10 anos em separado.	
			241		

Outros

Sala Associação Pais	1	12	12	sala da direcção	
Espaço de espera	1	18	18	equipamento para aguardar	
Garagem	20	500	500	dimensionada a pensar em 40 utentes, com ligação ao montacargas e espaço de acesso de material (cargas e descargas).	Possibilidade de pisos a rentabilizar pela parquescolar.
Montacargas para levar piano de cauda inteira					
Elevador					
Zona nobre, para museu de peças/inst.				Quadros a óleo, gravuras e peças de cerâmica e esculturas, mobiliário de estilo, instrumentos antigos	
			530		

Esp. apresentação

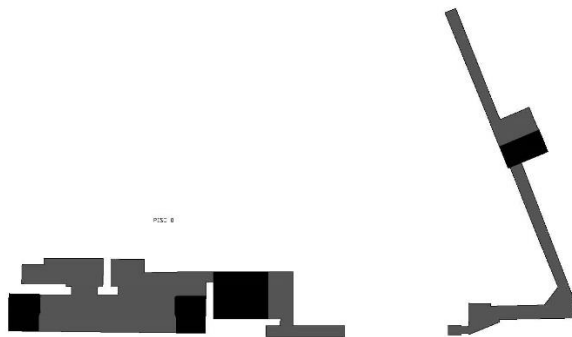
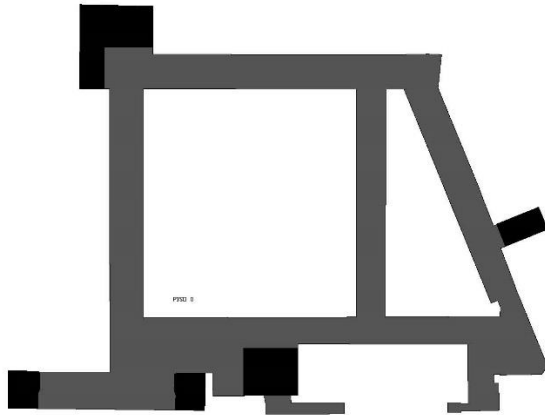
2 salas para Audições classe	2	40	80	piano de cauda médio e cadeiras amovíveis	
Auditório (14x10 min palco) 300 lug.	1	500	500	palco com piano de cauda, com estrados com possibilidade de elevação do nível da plateia até 1m de altura.	Equipamento para gravações e áudio-visual
Sala de Conferências	1	60	60	piano vertical e meios áudio-visuais	Equipamento para gravações e áudio-visual
Estúdio de Gravação	1	30	30	piano cauda e restante equipamento	Equipamento para gravações e áudio-visual
Apoio ao palco para instrumentos, luzes e som				Zona para guarda do material a utilizar.	
Terraço Bar	1	60	60	Piano, pequeno palco preparado tecnicamente com PA, a rentabilizar para entidades exteriores, com bar.	Possível utilização nocturna, a ser gerido por entidade particular?
Recuperação do Salão Nobre				deverá manter as características existentes, nomeadamente o órgão.	
			730		

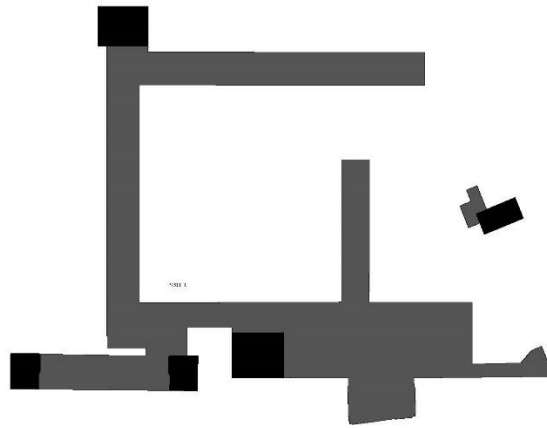
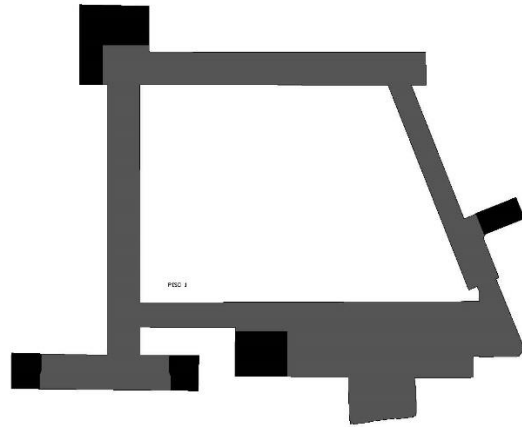
TOTAL **3424**

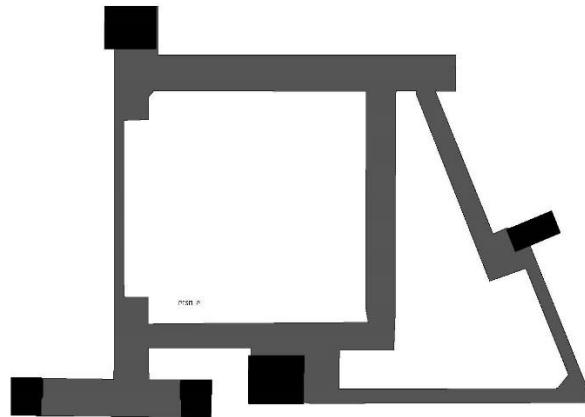
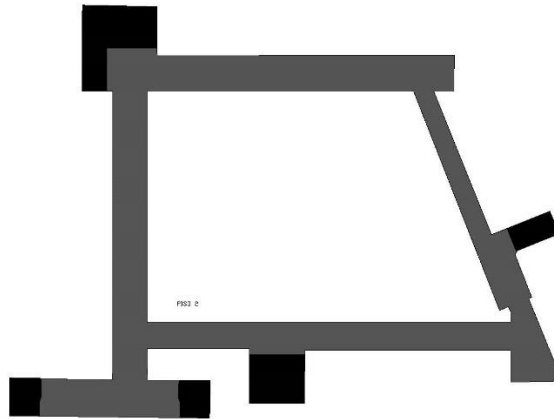
3.4 Circulação

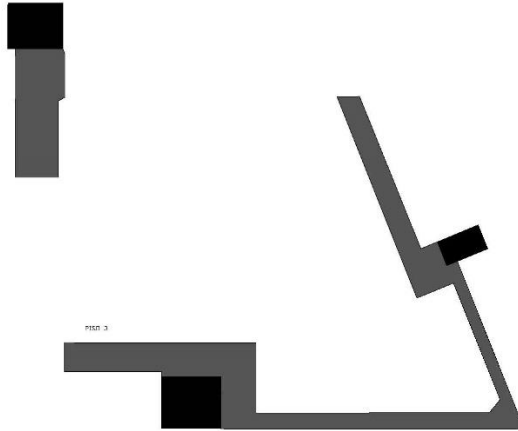
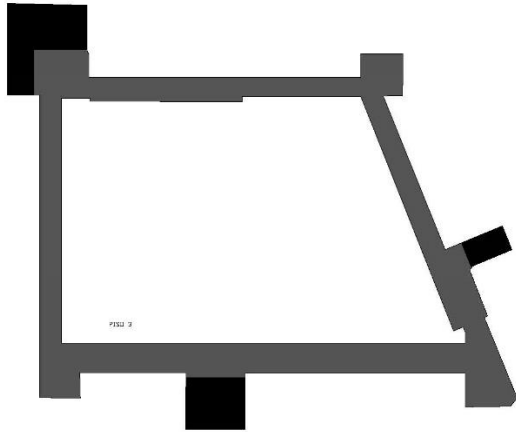
A circulação horizontal do convento não se adequa à funcionalidade de escola, dado que existem corredores interrompidos, assim como, com larguras inadequadas a função de escola, quer seja em termos de segurança, quer seja numa eventual evacuação das instalações. Relativamente à circulação vertical o edifício não dispõe de elevadores (apesar de ter mais de 2 pisos).

Os diagramas em anexo documentam a situação presente e a proposta de alteração, de forma a garantir uma adequada funcionalidade para esta escola. Esta proposta inclui ainda dois elevadores e um monta-cargas para garantir a elevação de instrumentos da escola a todos os pisos, quer sejam instrumentos de pequena ou de grande dimensão.

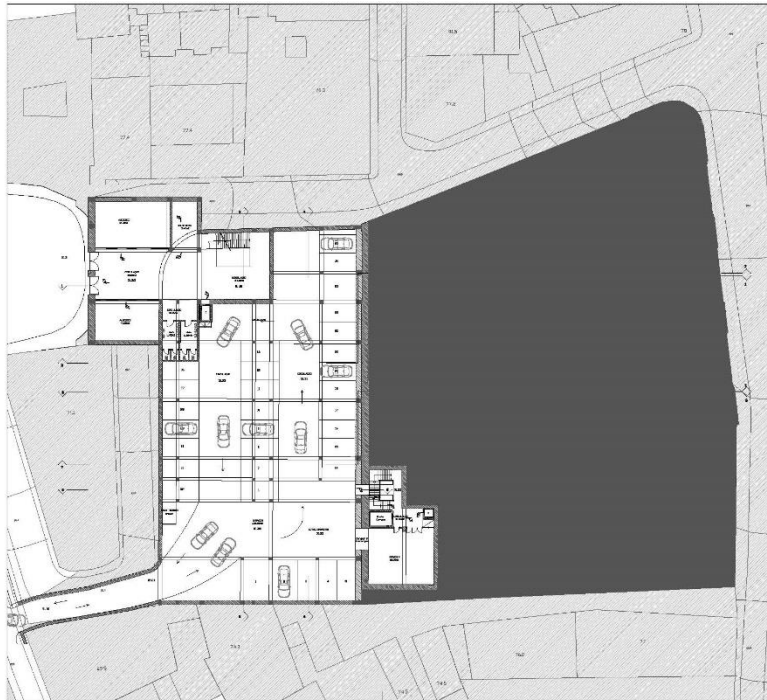








3.5 Desenhos Técnicos

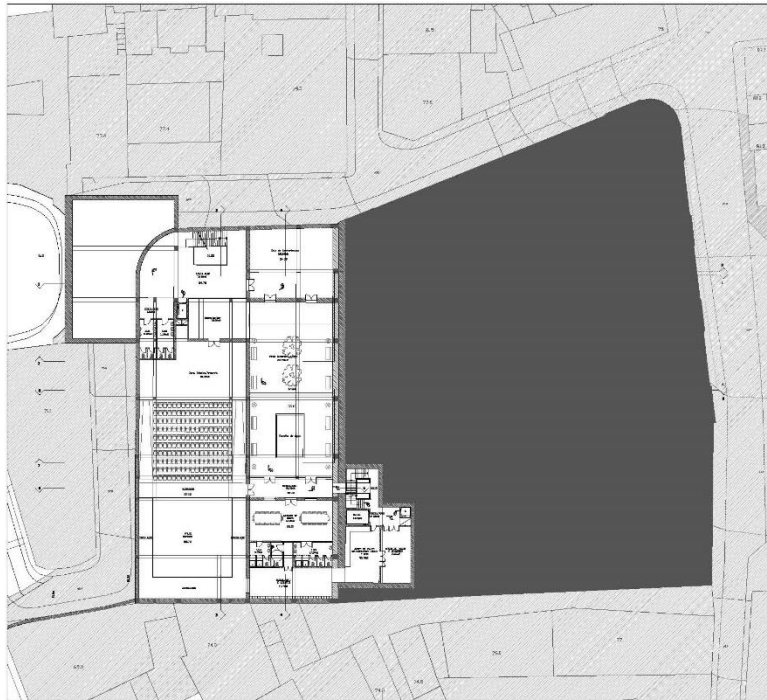


Escola de Música do Conservatório Nacional
Planta do Piso -5 - (Cota 51,35)
ISOLE-IUL | MIA | Projeto Final de Arquitetura
Outubro de 2015 | Olegério Morais - 50779

Escala: 1/500

03

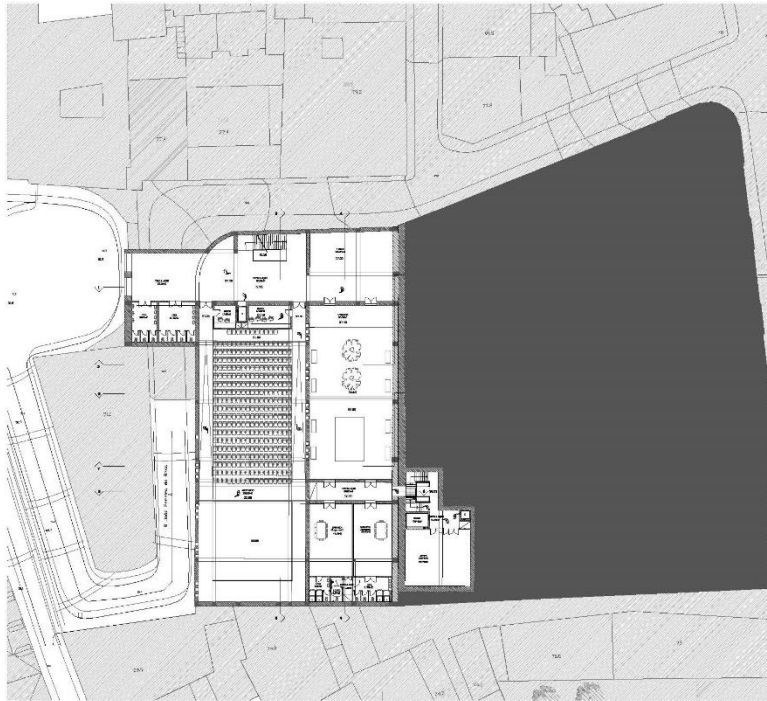




Escola de Música do Conservatório Nacional
Planta do Piso -1 - (Cota 55,10)
ISCIE-IUL | MIA | Projeto Final de Arquitetura
Outubro de 2015 | Olegário Morais - 50779

Escala: 1/500

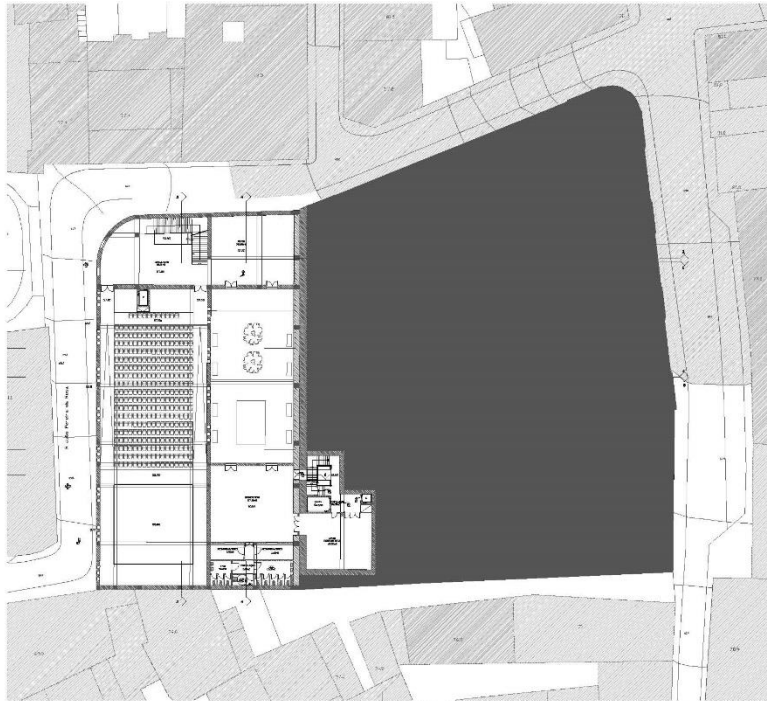
04 ○



Escola de Música do Conservatório Nacional
Planta do Fiso -3 - (Cota 58,40)
ISCLE-IUL | MIA | Projeto Final de Arquitetura
Outubro de 2015 | Olegário Morais - 50779

Escala: 1/500

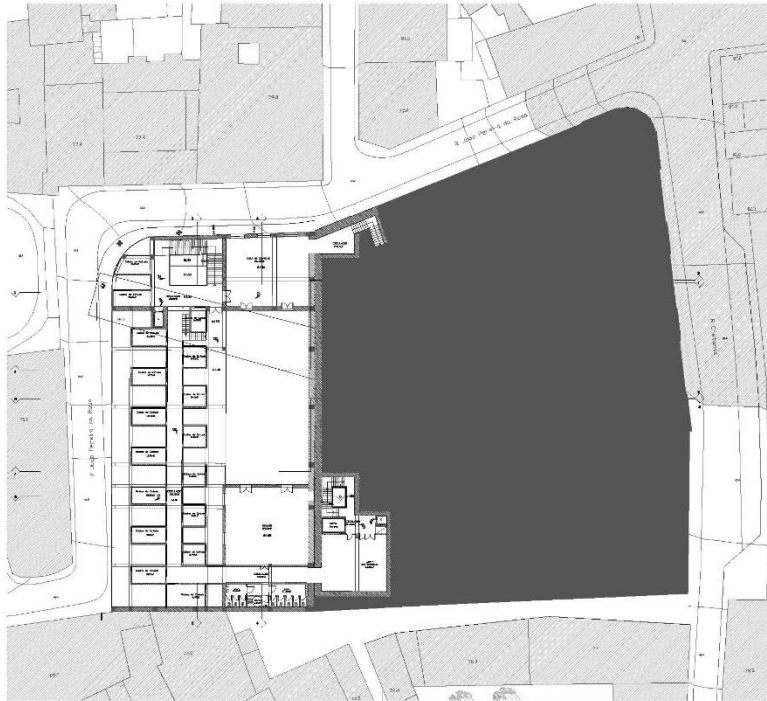
05 ○



Escola de Música do Conservatório Nacional
Planta do Piso -2 - (Cota 61,60)
ISCIÉ-IUL | MIA | Projeto Final de Arquitetura
Outubro de 2015 | Olegério Morais - 50779

Escala: 1/500

06 ○

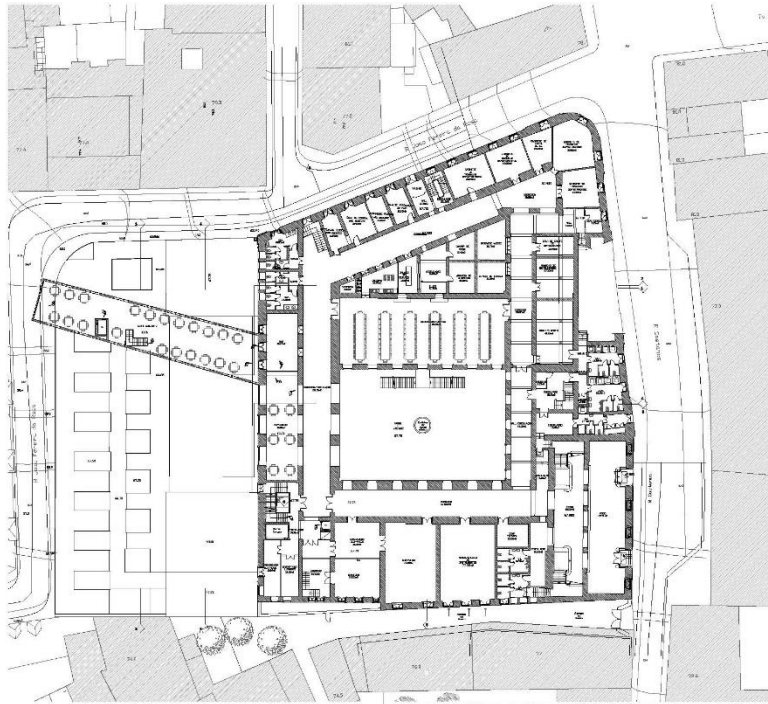


Escola de Música do Conservatório Nacional
Planta do Piso -1 - (Cota 64,85)
ISCIE-IUL | MIA | Projeto Final de Arquitetura
Outubro de 2015 | Olegério Morais - 50779

Escala: 1/500

07



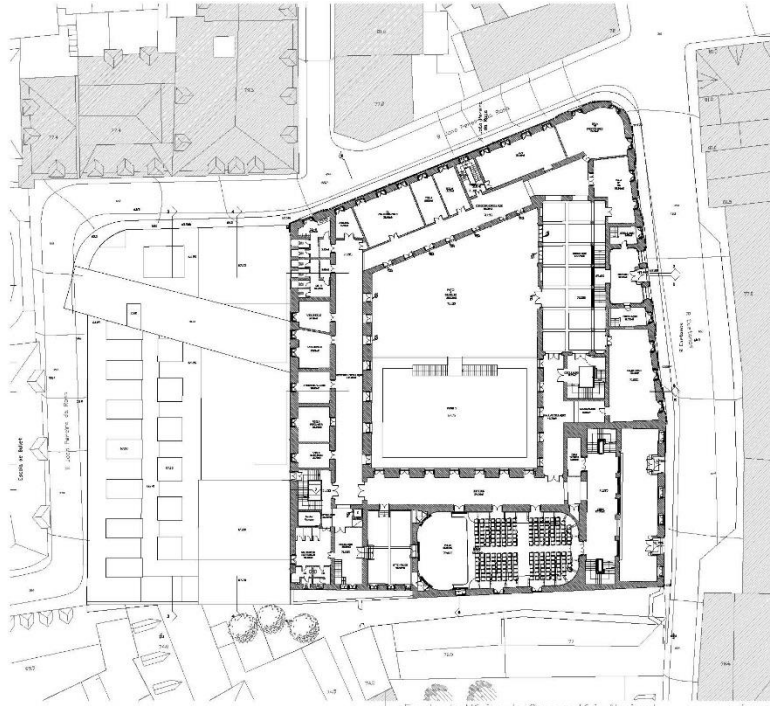


Escola de Música do Conservatório Nacional
Planta do Piso 0 - (Cota 67,75)
ISCIÉ-IUL | MIA | Projeto Final de Arquitetura
Outubro de 2015 | Olegério Morais - 60779

Escala: 1/500

08

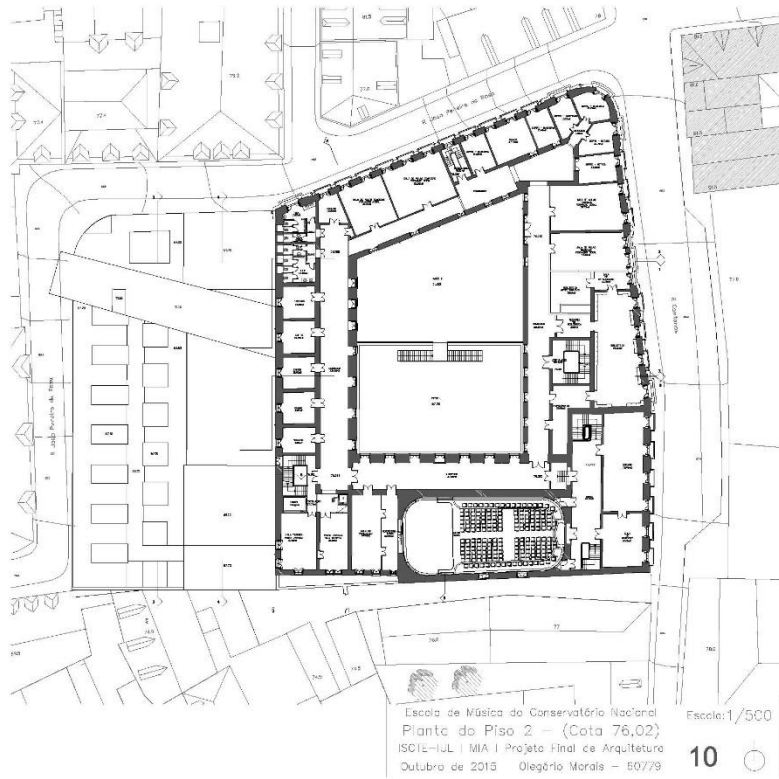


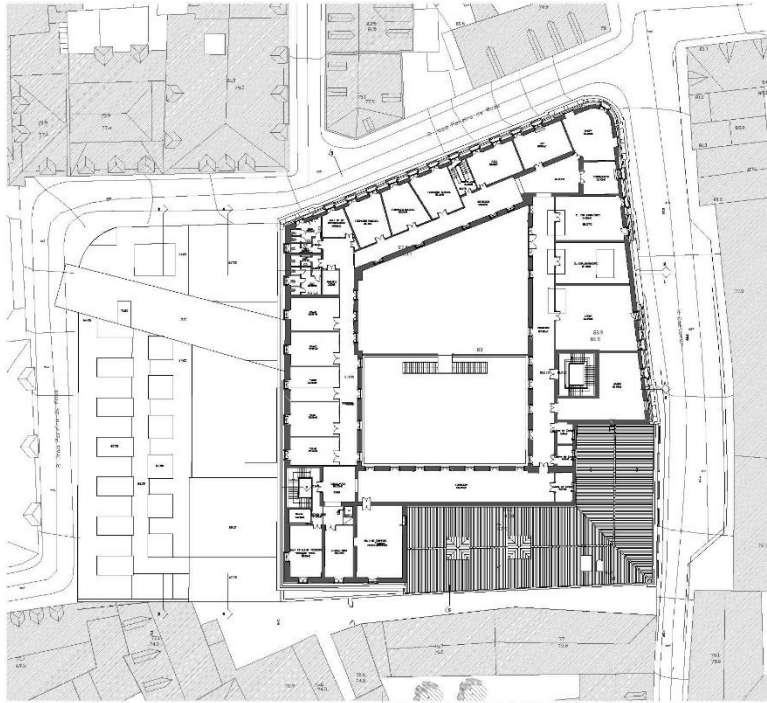


Escola de Música do Conservatório Nacional
Planta do Piso 1 - (Cota 71,35)
ISCLE-IUL | MIA | Projeto Final de Arquitetura
Outubro de 2015 | Olegério Morais - 50779

Escala: 1/500

09 ○



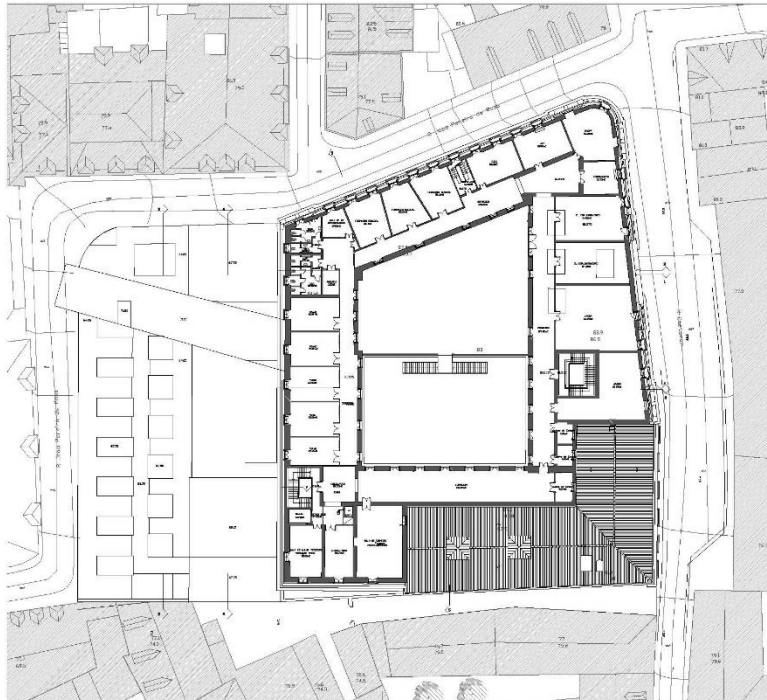


Escola de Música do Conservatório Nacional
Planta do Piso 3 - (Cota 81,225)
ISCLE-IUL | MIA | Projeto Final de Arquitetura
Outubro de 2015 | Olegério Morais - 50779

Escala: 1/500

11





Escola de Música do Conservatório Nacional
Planta de Cobertura - (Cota 85,67)
ISOLE-IUL | MIA | Projeto Final de Arquitetura
Outubro de 2015 | Olegério Morais - 60779

Escala: 1/500

12 ○



Escola de Música do Conservatório Nacional
Corta 1
ISCIE-IUL | MIA | Projeto Final de Arquitetura
Outubro de 2015 | Olegário Morais - 50779

Escala: 1/500

13





Escola de Música do Conservatório Nacional Escala: 1/500
Corte 2
ISCIÉ-IUL | MIA | Projeto Final de Arquitetura 14 ○
Outubro de 2015 | Olegário Morais - 50779

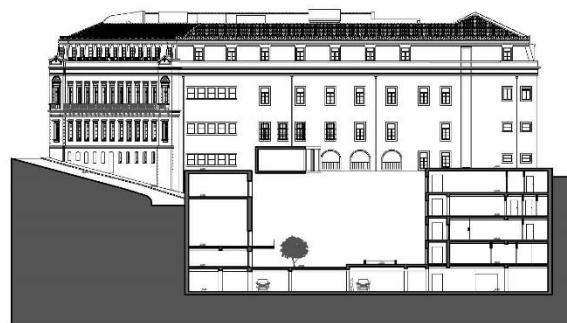


Escola de Música do Conservatório Nacional
Corte 3
ISCIE-IUL | MIA | Projeto Final de Arquitetura
Outubro de 2015 | Olegário Morais - 50779

Escala: 1/500

15



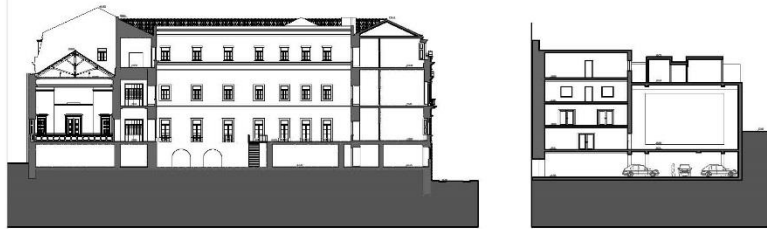


Escola de Música do Conservatório Nacional
Corte 4
ISCTE-IUL | MIA | Projeto Final de Arquitetura
Outubro de 2015 | Olegério Morais - 50779

Escala: 1/500

16





Escola de Música do Conservatório Nacional
Cortes 5 e 6
ISCTE-IUL | MIA | Projeto Final de Arquitetura
Outubro de 2015 | Olegário Morais - 50779

Escala: 1/500

17 ○



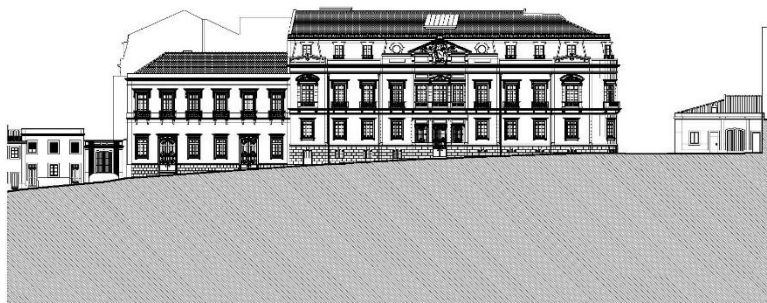
Escola de Música do Conservatório Nacional Escala: 1/500
Corte 7
ISCI-EHJL | MIA | Projeto Final de Arquitetura 18 ○
Outubro de 2015 | Olegário Morais - 60779



Escola de Música do Conservatório Nacional
Corte B
ISCIE-IUL | MIA | Projeto Final de Arquitetura
Outubro de 2015 | Olegário Morais - 50779

Escala: 1/500

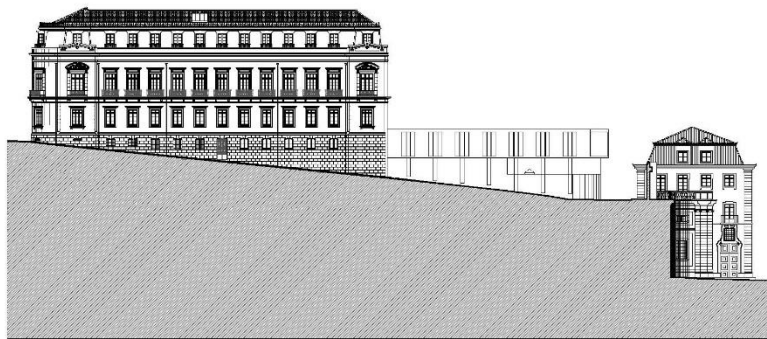
19 ○



Escola de Música do Conservatório Nacional
Alçada Principal (Este)
ISCTE-IUL | MIA | Projeto Final de Arquitetura
Outubro de 2015 | Olegário Morais - 50779

Escala: 1/500

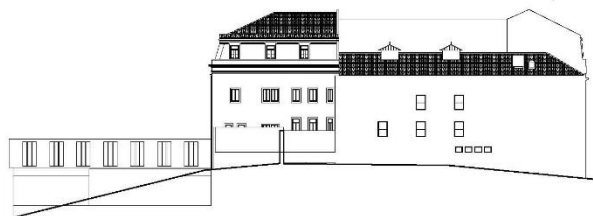
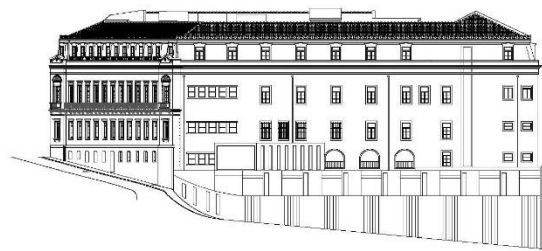
20 ○



Escola de Música do Conservatório Nacional
Alçada Lateral Direita (Norte)
ISCIÉ-IUL | MIA | Projeto Final de Arquitetura
Outubro de 2015 | Olegário Morais - 50779

Escala: 1/500

21 ○



Escola de Música do Conservatório Nacional
Algodas Oeste e Sul
ISCIE-IUL | MIA | Projeto Final de Arquitetura
Outubro de 2015 | Olegério Morais - 50779

Escala: 1/500

22 ○